

José Leon Machado

A Margem

Uma espécie de romance



Edições

Vercial

Índice

Ficha Técnica	1
Parte I	3
Parte II	35
Parte III	74
Epílogo	120

Ficha Técnica

Título: *A Margem*

© Copyright **José Leon Machado**

1ª edição: OPSIS, 1997

2ª edição: Projecto Vercial (formato electrónico), 2001

3ª edição: Edições Vercial (formato electrónico), 2003

Todos os direitos reservados

Edições Vercial, Setembro de 2003

URL: www.ipn.pt/literatura

E-mail: vercial@iol.pt

José Leon Machado

A Margem

Uma espécie de romance

Edições | **Vercial**

PARTE I

I

A estrada era famosa pelas curvas e pela sombra das árvores. O Rubro admirava a paisagem que se espraiava para o fundo, enquanto o Rocha mudava de calças por detrás do carro estacionado. Era a hora do equinócio e o calor ia alagando as carnes de suor naquele começo de Agosto. Os dois rapazes esperavam a passagem da camioneta que transportaria mais três companheiros de Braga. Por terem atestado o carro com o material de campismo, não couberam todos.

A camioneta passou e nem sinal dos outros. O melhor seria adiantarem-se, que a fome apertava e a ânsia de chegar ao local onde acampariam era grande. O Rocha arrancou e chegaram à Caniçada a arder de sede e de calor.

O dono do café Mira-Rio, pai de um antigo colega de escola, acolheu-os muito bem e pôs-se à disposição para tudo o que necessitassem. Teriam a oportunidade de ver o filho ao serão, pois naquele momento estava a trabalhar em Vieira do Minho. Agradeceram a atenção e, não muito longe do café, foram cumprimentar o padre Armindo a casa. Foi ele que lhes arranjou o local para acampar. Colocou-se também à disposição agradecendo a visita com um grande sorriso.

Abarrotados de ajudas bem intencionadas, meteram o carro por um caminho abaixo em direcção ao Boco, o local onde passariam uma semana. A cem metros acima do rio, abandonaram a viatura e desceram a explorar o local verdadeiramente paradisíaco mas de acessos dolorosamente

espinhosos e acidentados. O Rocha praguejava cheio de arranhões nas pernas. Que não tivesse tirado de calças, dizia-lhe o Rubro. Quis ir de perna ao léu?

Acalmou-se quando embateu no rio enorme e azul e em toda a verdura que os rodeava. Respirou fundo e até pensou que os dias ali passados seriam bastante proveitosos.

Entre os fetos verdes e sob a imensa folhagem dos carvalhos, decidiram descarregar a viatura. Iria depois o Rocha buscar os outros três à paragem da camioneta. Perderam a primeira carreira, viriam na próxima.

Descarregado o material, o Rocha arrancou de novo. O Rubro lá ficou, sentado no chão junto ao rio, a pensar naquela que lhe andava a desorientar a psique sem frutos palpáveis. Estava ali para esquecer um pouco essa loucura e haveria de consegui-lo. Mas era tão duro querer esquecer aquele sentimento que o invadia e lhe deixava uma sensação de paz e desassossego. Uns finos e isso passava.

Mais cinco quilómetros de curvas e o Rocha chegou à paragem da camioneta. Sinal de ninguém. A bufar pela boca e a roncar pelo estômago, entrou num *snack-bar* das Cerdeirinhas e pediu uma mista e um sumo de lata. Acalmou os ânimos a regalar os interiores com propositados requisitos. Até que finalmente chegava a camioneta com os outros três. Tinham perdido a primeira porque o Rubro informara-os mal do horário. Eles bem a viram, mas, como dizia Chaves, não lhes passou pela cabeça que seria essa. O Rocha estrebuchando rosnou como de costume:

– Sois uns azelhas! Qualquer burro sabe que para ir a Chaves se tem de passar por aqui. Ou nem sabeis que Chaves fica para estas bandas?

Desculpando-se, entraram para o carro. Estavam mal-humorados e tentavam deitar as culpas do lapso uns para

outros.

E foi neste estado de espírito que montaram as tendas durante a tarde. Terminado o serviço, mergulharam a experimentar a profundidade das águas, cada um a seu modo, outros de modo nenhum, e fizeram-se as compras necessárias na mercearia do Mira-Rio onde passaram o resto da tarde.

II

Já o sol se ocultava quando regressaram ao Boco. O Rocha ofereceu-se para a cozinha e os outros ajudaram no que poderia ser necessário. Arroz seco, chispalhada e ovos seria a ementa para o jantar daquele dia.

Tendo ido o Louro e o Rubro buscar água à nascente ali perto, eis que um sujeito desconhecido se lhes dirigiu. Perguntou quem eram e, depois de verificar que eram bons rapazes, deu autorização para, sempre que desejassem subir à povoação, atravessarem os seus terrenos. Poupar-lhes-ia esforços e seria um caminho seguro. Duas recomendações apenas: não lhe calcarem a relva e fecharem a cancela sempre que entrassem ou saíssem. Foi com entusiasmo que todos receberam a boa-nova. Enfiarem-se pelo mato acima era deveras uma aventura pouco atraente e obrigava-os a descer ao Boco antes do anoitecer, não fossem tropeçar. Era um autêntico suicídio descer aqueles terrenos sem luz. Com esta autorização remediava-se o problema. Comemoraram brindando o acontecimento com água da nascente fresca e pura.

– O nosso vizinho caiu do céu e temos apenas de conquistar-lhe a confiança – comentou o Louro.

– A confiança dele já a temos. Pensa que somos bons rapazes. Dissemos-lhe que éramos ex-seminaristas e estudantes

da Faculdade de Filosofia – acrescentou o Rubro.

– Se o Rocha trouxesse o carro cá para baixo, ficaríamos na maior! – rematou o Cordeiro.

– Nem penses! Não vou enfiar o carro por aqui abaixo para depois ele não conseguir subir. O caminho está cheio de buracos e curvas cerradas.

– No fim de esquartejar este ovo quero ir até ao café – atalhou o Lula com o queixo a pingar gordura da chispalhada.

– Vamos todos – recomendou o Rubro levantando-se para encher a malga plástica de água que emborcou de um sorvo.

A loiça não foi lavada. Ficou a vela de parafina a fumar fazendo companhia aos pratos sujos em cima da mesa improvisada com duas tábuas que ali havia. O céu alastrava-se em estrelas que raras vezes se poderiam ver da cidade, pois as luzes da noite ofuscavam-nas. Ali não havia luzes da noite. A terra era escura, existia apenas o reflexo da lua nas águas profundas.

– Sandra, cinco finos para a malta – pediu o Rubro à miúda de serviço.

– Cinco não, quatro. Eu prefiro leite – protestou o Rocha sentando-se com os outros ao balcão.

Todos se riram e com eles a miúda de olhar penetrante. O Rocha não gostava de adormecer sem tomar antes o seu copinho de leite. E ainda para mais num dia tão minguado em proteínas. Não, não poderia dispensar o leite, mesmo que rissem da sua atitude.

– Uma mista para mim – pediu o Lula com a cerveja entre as mãos.

– Já tens fome? – perguntou-lhe o Cordeiro.

– Eu não comi nada no acampamento. Estás a ver?...

Os líquidos rapidamente tiveram sumiço dos copos. Abandonando o Rocha à televisão, os quatro saíram para desenferrujar os matraquilhos na esplanada do café.

– Então tu és a Sandra – considerou o Rocha com um olho na televisão e outro na miúda que lavava os copos.

– Sou. O Rubro conhece-me há bastante tempo. E tu, como te chamas?

– Alberto Rocha, de Braga. Vinte e um anos, descomprometido.

– Ah! – E riu acriançadamente mostrando uns dentes fortes e brancos. – Tu és o do carro azul.

– Sim. Trabalhas aqui?

– Só nas férias. Os donos são meus tios. O Miguel é meu primo.

E apontou para fora onde os outros jogavam. Tinha acabado de chegar o Miguel, que cavaqueava com eles. Há quanto tempo o Rocha não via aquele sujeito?

– Vou cumprimentá-lo. Volto já.

Levantou-se e atirou um último olhar desinteressado à televisão e um outro penetrante à miúda.

III

Na primeira noite de todos os acampamentos raras vezes se adormece e esta não foi excepção. O chão era duro, grande problema para aqueles que se habituaram aos moles colchões. E depois a sensação da noite passada numa floresta longe de casa com os amigos ao lado ajudava a desarticular a língua. E desarticularam-na como nunca antes o haviam feito.

– Chute! Quero dormir.

– Ó Rubro, imagina a Vânia aqui a teu lado.

– Olha, vai para o diabo!

– O Rubro não lhe deu a coisa a tempo e ela mandou-o passear.

– Estás a fazer-me tesão.

– A tua prima é boa como o milho.

– Não gosto do traseiro. Tem-no muito descaído.

– Deixai-vos de porcalhices.

– Vamos mas é dormir. Amanhã há muito para fazer e convém que se vá à missa. Afinal de contas é domingo.

– À missa? Eu não vou.

– Nem eu.

– Alguém tem de ir. O que é que o padre Armindo vai pensar de nós?

– Então é o padre Armindo a celebrar?

– O da Caniçada está de férias.

– Mas ele anda por aí.

– Passa as férias em casa.

– Esse ao menos poupa.

– Mas quem é que vai?

– Onde?

– À missa, caneco!

– Pronto, vou eu – ofereceu-se o Louro, tão devoto, a coçar as virilhas.

Enquanto ele estava na igreja a escutar desatento a homilia do padre Armindo, no Boco aquecia-se o leite e adaptavam-se à cozinha alguns quesitos indispensáveis para o mínimo conforto culinário. A noite fora má, a manhã era bela. A loiça jazia ainda coberta de gordura e com os restos da véspera. Ninguém queria lavá-la. Porque um transportou a água e não tinha obrigação, porque outro cortou a cebola, porque aqueloutro acendeu o fogão de campanha. Seria o Louro a lavá-la logo que chegasse da missa. Mas ele chegou e recusou-

se a tão desprezível trabalho: que tinha aberto as latas da chispalhada e não era a sua vez.

A discussão adensou-se a ponto de se insultarem mutuamente. O Rubro então desceu de si e ofereceu-se. o Louro por sua vez reconsiderou e acompanhou-o.

A manhã espriava-se quente e, após as lavagens e a definitiva organização do campo, desceram o pequeno declive para mergulhar. Nenhum, porém, se decidia a meter-se na água. Apetecia antes ficar deitado na erva com o sol a bater doce, o olhar na paisagem verde, no límpido azul do rio. O Rubro sentado dedilhava um solo na viola. Do solo passou a cantar e os outros foram entrando a fazer coro. Ouvia-se longínquo o eco da balada. Interrompeu-a um barco a motor com um tipo atrás praticando esqui e outro nos comandos. Volteou frente à malta para desaparecer numa curva do rio.

– Vou mergulhar – decidiu-se o Lula. Pôs-se de pé e ganhou balanço para a queda.

– Espera por mim – gritou o Cordeiro.

E os dois furaram a água numa entrada perfeita.

– Também vou – disse o Louro. Mas, como a vista lhe fugisse para o fundo, desencorajou-se. Meteu primeiro o pé direito, depois o esquerdo. Molhou as mãos e aspergiu o corpo arrepiado. Vagarosamente entrou medindo a água pelos joelhos. Parou, então, com os braços cruzados a olhar o Lula e o Cordeiro a divertirem-se lá para o meio. Num acesso de coragem, atirou-se, bufou um arrepio e juntou-se aos dois companheiros fluviais com cinco braçadas.

– Atravessamos? – desafiou o Lula.

– És doido! Não sou nenhum pato – respondeu-lhe o Louro.

– Com esses músculos não me digas que não aguentas até à outra margem!

– Pouca treta e começa a nadar.

Nadaram, boiaram e chegaram à margem de lá. O Rubro e o Rocha, vendo-se abandonados, mergulharam também. Não gostavam muito de assistência às suas cabriolas aquáticas. Era a falta de experiência de natação. O Rocha dava uns toques em nado. Mas nos mergulhos era um desastre. Ao contrário, o Rubro mergulhava lindamente, mas a nadar, coitado. Sozinhos evitavam a risota dos outros.

IV

A ermida de São Bento, uma das maiores fontes de receita da igreja bracarense, erguia-se majestosa por cima do Cávado entre as serras pedregosas.

O Rocha estacionou a *Renault* diante do templo. Os passageiros saíram e foram todos dar umas voltas pelo largo. Eis quando se aproxima a Maria João numa careta de sorriso. Beijinhos a todos, não se podia demorar, que tinha trabalho no hotel. Passassem mais tarde, pois precisava de lhes falar.

– Nós agora vamos até ao parque. Depois passamos na recepção.

– Estou na sala de artesanato, aquela mesmo em frente.

O parque era frondoso, carregado de silêncio sacrossanto, onde os namorados se devoravam pausadamente nos bancos de madeira e os labregos comiam os seus farnéis de coxas de frango e arroz de forno. Dois caminhos: um para cima, outro para a direita. O Rubro queria subir. Ninguém concordou. Preferiam o horizontal. Mas, teimoso, subiu. Os quatro, ao contrário, instalaram-se numa mesa de granito não muito longe de três miúdas apetitosas. Desejaram cantar para despertar a atenção. Como não estava o Rubro, pegou o Rocha na viola que o Lula carregava e começou a esgalhar um malhão

desenfreado. Qual quê? As miúdas nem se dignaram olhar. O Rubro apareceu pouco depois muito aborrecido por os outros não terem seguido a sua ideia.

– Pega na viola e toca.

– Não toco!

– É para as miúdas.

– Deixa cá ver. –Arrebatou o instrumento, tirou um acorde sonoro, afinou o mi de baixo e introduziu o *Let it be* dos *Beatles*.

As miúdas continuaram sem lhes dar qualquer atenção. Talvez achassem burlesco os cinco tipos a guinchar música no parque. Contudo, não se pode dizer que não tivessem público entusiasta. Um rapazola aproximou-se e meteu conversa. Como lhes parecia parvo, falaram-lhe em inglês:

– Do you speak english?

– Ié, ai spique. Mi, ai ame a musique. De rock.

– Love’s you the rock?

– Quê?... Ah! Ié, de rock és bom!

– We know, we know...

– Tocai aí um rockzinho.

– What? We aren’t understand you.

– Allons y – interrompeu o Louro já farto. – Il es fou.

– You are right. Come on.

– Goodbye, foolish.

– Pró lixo? Essa não percebi – disse o desconhecido coçando a cabeça.

Rodeando o lago escuro de lodo, dirigiram-se para o hotel. O parvo lá ficou, a consumir o juízo das três miúdas, mais contente por ter conhecido cinco ingleses que tocavam *rock*.

Entraram então na sala de artesanato do hotel. Os artigos expostos eram essencialmente têxteis que ninguém comprava:

naperons, guardanapos, toalhas e lençóis de linho, bordados, mantas de serapilheira. Duas moçoilas constituíam o pessoal de atendimento. A João era uma delas. Bem apetrechada de ancas, belo cabelo e uma enérgica língua, andava apaixonada pelo Carlitos, coitada, e ele não correspondia muito ao seu amor. Nem tudo podia dar certo na vida.

– Querias falar connosco?

– Deixa lá, é maluqueira minha. Olhai, esta é a Anabela, que também trabalha aqui. O serviço é só nas férias.

– Muito prazer – disse o Cordeiro aproximando-se lambão ao ver que a rapariga era bonitinha.

– O Cordeiro, o Lula, o Rocha, o Louro e o Rubro.

Houve troca de beijos e a João disse em seguida:

– O convívio com a juventude do Rio Caldo é mesmo na quinta-feira?

– A sardinhada, dizes tu. Nós marcámos para esse dia.

– O padre Matos, reitor do São Bento e nosso pároco, convidou o grupo de jovens. Mas eu talvez não possa estar. Tenho de ir a Braga.

– Sim, nós sabemos. É uma pena não poderes partilhar a festa connosco.

– Se eu mudar de ideias ainda apareço.

– Sabes, parece que o Carlitos também vem.

– Ai vem?

– Não chegou a dar-nos a certeza. Como agora o vês quase todos os dias em Braga, bem lhe podias perguntar.

– Precisamos de comprar pão – lembrou o Louro para desviar a conversa.

– Pois precisamos – acrescentou o Lula já com fome.

– Vamos embora. Olha, João, se vires então o Carlitos, diz-lhe que o esperamos para a sardinhada.

– Digo. Podes ficar descansado que eu digo – prometeu a miúda ao Rubro, corando.

V

O grupo de amigos era constituído por aqueles que abandonaram o Seminário no ano anterior. Um deles era o Carlitos. Perdeu a ideia de ser padre e, como os outros, entrou para a Faculdade. A Maria João, sua colega de ano, apaixonou-se e daí vieram muitas complicações para todos. O Carlitos nunca simpatizou com ela. Achava-a feia e aborrecida. Mas a João convenceu-se do contrário e deu-se de alma e corpo ao rapaz. Este, como era peculiar do seu temperamento, quis tirar algum proveito da situação. Como vivia no apartamento com o Rubro e mais alguns colegas, ali a levava quando os outros não estavam, e fechava-se no quarto com ela. Um dia o Rubro entrou e descobriu. Comunicou aos outros e todos concordaram que a situação era deveras embaraçante. Não por o Carlitos se aproveitar da rapariga entre portas adentro; mas antes por ter feito isso sem os avisar. Ele não lhes quis dar ouvidos, a coisa embrulhou-se e resolveram dizer-lhe que, se assim continuava, não poderia ficar mais no apartamento. Tocara as raias do abuso: tinha um quarto só para si enquanto os outros dormiam dois e três em cada quarto a pagarem o dobro. Entrava e nem bom dia nem boa noite, aquilo era tudo dele. Não podendo aguentar este desprezo e esta convencida superioridade, a única solução para o caso era dizer-lhe «desculpa, mas não te queremos cá mais». O Carlitos teve de arranjar nova casa e ficou ofendido com os colegas. Ainda por cima não tiveram vergonha de o convidar para o acampamento. É claro que ele não aceitou.

A Maria João, depois do encontro com os rapazes do acampamento, ficou ansiosíssima. A sua ida a Braga dependia da boleia do pai e se o pai se lembrasse de não ir, lá ficava ela

em Rio Caldo. E o pior é que não sabia se o Carlitos apareceria na sardinhada. Andou a semana toda a telefonar, mas ninguém atendeu. Que martírio, as férias. Dava tudo para que as aulas começassem em breve. Sempre o poderia ver todos os dias.

Namorava oficialmente o Almerindo, um rapazinho da terra que tinha acabado o curso de engenharia. Mas era tão tosco, tão frio... O Carlitos tinha charme, um fogo que lhe queimava os fusíveis, que a punha doida. O pai desejava que ela casasse com o engenheiro e, se desconfiasse de que pela sua parte isso nunca aconteceria, dava-lhe uma tarefa, lá isso dava.

Quando a João via algum dos colegas do Carlitos, o seu coração dançava-lhe no peito em grandes guinadas. Era como se estivesse a vê-lo a ele, sempre tão triste, como que a pedir carinho, a pedir amor. E a João existia para o consolar, para lhe dar tudo. As noites eram um doce pesadelo. Acordava de olhos inchados e a cabeça dorida, mas valia a pena sonhar com as suas mãos a percorrerem-lhe a face. Cada minuto do seu dia era um beijo que recebia nos lábios. «Oh, Carlitos, vem na quinta-feira!», pedia ela silenciosa a olhar a torre da capela de São Bento à porta da sala de artesanato.

VI

– Vamos comer só a rosca e o fiambre? – protestou o Lula enquanto desciam a estrada de Rio Caldo na carrinha.

– Quem quiser come, quem não quiser não come! – exclamou o Rubro trincando um pedaço de rosca.

– Isto não é repasto que se apresente. Exijo jantar em condições! – enervou-se o Louro.

– Quem se oferece para cozinhar quando chegarmos ao Boco levante o braço – sugeriu o Rocha.

Ninguém levantou.

– Acho que o Rubro tem razão.: quem quiser comer, come; quem não quiser, que deixe ficar. Dá cá um pedaço – pediu o Rocha com a esquerda ao volante e a direita estendida.

– Estás a ser insuportável. Aqui ninguém manda. Todos temos capacidade para decidir – protestou o Cordeiro.

– Então oferece-te para cozinhar.

– Se eu soubesse cozinhar, oferecia-me já. Como não sei, deixo esse trabalho para os mais qualificados.

– Nem por isso quiseste lavar a loiça. Não cozinhas, não lavas a loiça, és um autêntico burguês. Os outros que trabalhem.

– Alto lá! Hoje fui eu quem limpou as tendas e acarretou a água para a cozinha. Outros houve que fizeram muito menos.

– Não estejas para aí a aldrabar! A água foi acarretada por mim – interferiu o Louro.

– E as tendas limpei-as eu! – acrescentou o Lula.

– E quem foi buscar o frango à mercearia?

– Grande trabalho! Cansaste-te.

– Não chateies, meu.

– Não chateies?! Tu é que estás para aí a lixar-me o juízo.

– Caluda! – ordenou o Rubro. – Assim ainda vamos acabar mal.

– Caluda não. Por acaso não sou livre de dizer o que quiser?

E a discussão foi aumentando de volume até ao Boco. Criaram-se dois grupos rivais: os preguiçosos-convencidos e os convencidos-mandões. O primeiro grupo era constituído pelo Cordeiro, o Louro e o Lula; o segundo era encarnado pelo Rubro e pelo Rocha, os mais velhos.

Havia um bailarico numa capela entre as pontes a caminho do Gerês. De comum desacordo, dirigiram-se para lá. Avisara-os a Sandra da festa quando subiram ao Mira-Rio a tomar o café do serão.

Um conjunto de música popular tocava e cantava. Por entre espessa poeirada, os parzinhos batiam o pé em frenesim. Os cinco companheiros estacaram olhando a balbúrdia. Afastou-se o Lula a ver se arranjava par, deixando os outros espapaçados sem saber o que fazer. Mas nada pescou. A noite era má, escasseavam as mulheres disponíveis. Até se viam homens a dançar com homens. Era melhor retroceder. Quando se juntou ao grupo, viu que os companheiros falavam com dois desconhecidos e estavam bem dispostos. Eram tipos holandeses a trautearem inglês.

Mal avistaram o Rubro no meio da confusão, dirigiram-se-lhe a perguntar se não era ele o que nesse dia de manhã estava a tocar viola junto ao rio.

– We had loved your music.

– Really? You may come to hear tomorrow, if you will.

– Of course! We shall go, me and my friend. You are English?

– No, we are Portuguese.

– But you speak english very well.

– Not at all. You will come?

– O.K., we are going.

– Bye.

– Bye.

– Tomorrow, we are waiting for you.

– That's O.K. Bye.

Voltaram ao Boco bastante tarde, cobertos de pó e fartos de música parola. Aí a discussão continuou entremeada de insultos e palavrões. De garganta fatigada e fígado espumoso,

adormeceram. Só com o sono é que a tempestade amainara. No dia seguinte chegariam o Barbosa e o Toninho. Mais ajuizados, seriam o equilíbrio que faltava. E o Rubro, depois de todos adormecerem, pensava que sim. A coisa estava mal, ninguém se entendia. Adormeceu também numa recordação aliciante da imagem da Vânia que reveria na próxima sexta-feira, dia do seu aniversário, tão distante ainda.

VII

Amanheceu, fartou-se de amanhecer. O sono invadia as tendas. De rins apertados, levantou-se o Lula, já o sol incidia recto na mesa da cozinha improvisada. Pouco a pouco soergueram-se todos friccionando a vista ferida pelo sol. O pequeno-almoço resumiu-se aos restos do pão do dia anterior com manteiga e leite do Mira-Rio. O Rubro pensou encetar a garrafa do porto que lhes havia oferecido um amigo antes de partirem de Braga. Mas não, os outros não concordaram, pois não tinham culpa de o Rubro detestar o leite. Quando se bebesse o porto, que bebessem todos.

– Lá anda o barco dos holandeses! – gritou excitado o Lula.

– Vamos chamá-los – aconselhou o Cordeiro, começando a descer a ladeira que levava à margem do rio.

– Esperem por mim! – pediu o Louro correndo atrás engasgado com um naco de rosca cheia de manteiga.

Bem gritaram, bem fizeram gestos, mas os holandeses não responderam. Que frustração para os três! E o Lula, que gostaria tanto de dar uma voltinha no barco!

– Não vale a pena gritar mais. Desapareceram. Vamos para cima – aconselhou o Louro desconsolado.

Acompanhou-o o Cordeiro. Ficou o Lula, descoroçoado,

a olhar a vastidão do rio deserto. Sonhara toda a noite com o barco e uma longa viagem, só ele e o holandês ruivo, a fazer esqui, deslizando na água enquanto o barco rodopiava à frente. Agora nem barco, nem holandês, nem música. Queria cantar-lhes algumas do Paul Simon e do Bruce Springsteen, para lhes mostrar que os Portugueses não são toscos. E o Rubro tocava viola. Assim, quiseram armar-se em importantes, que fossem para o diabo.

– É preciso telefonar ao Barbosa antes do meio-dia, para saber a que horas ele e o Toninho chegam – avisou o Rubro a mastigar um bocado de chouriça de colorau.

– Vou eu ao Mira-Rio e telefono – ofereceu-se o Louro.

– Ah! Ele quer ver a Sandra!... – exclamou o Cordeiro irónico.

– Também é preciso saber se o Daniel consegue as sardinhas para quarta-feira. Senão, temos de as arranjar aqui.

– Telefono também ao Daniel.

– E dá umas apalpadelas à Sandra por mim – acrescentou o Cordeiro.

– Então vai-te embora. Quanto mais cedo, melhor, que depois podes não apanhar o Barbosa em casa. E cuidado com a Sandra: anda a deitar-te olhinhos.

– A mim não. Ao Rocha talvez. Cordeiro, vens comigo?

– Traz da mercearia uma dúzia de ovos e um frango – pediu o Rocha saindo da tenda maior com um braçado de cobertores.

– Vou pensar no caso. Pode ser que traga outra coisa.

– Traz o que eu te digo e cala-te.

– Eu trago o que me apetecer! Por acaso mandas na cozinha?

E desapareceu com o Cordeiro por entre o arvoredado e a frescura da manhã. Quando voltaram, depois de terem dado

seca velha à Sandra, apresentaram o resultado dos telefonemas: o Toninho e o Barbosa chegariam de tarde; as sardinhas tinham de comprá-las eles, pois o Daniel esqueceu-se de as encomendar.

Esta última notícia pôs o Rubro de mau humor. Onde é que raio haveriam de arranjar duzentas sardinhas ali, no meio da serra?

– Raios partam o Daniel e a mim, que confiei nele! – dizia.

Após o almoço, renasceu o problema de sempre: quem era o legítimo lavador da loiça. Não era ninguém. O Rocha não lavava porque foi ele a cozinhar; o Louro foi com o Cordeiro ao Mira-Rio; o Lula lavou a loiça do pequeno-almoço; o Rubro descascou batatas e estava mal disposto. Mais protestos, mais piropos, mais insultos, mais grunhidos que faziam eco nas montanhas vizinhas. Que fossem todos para o diabo! Já estava farto. Não lhe custava nada apanhar uma camioneta e ir-se embora. E que não cantassem muito, que fá-lo-ia mesmo! Não estava para os aturar.

Deixaram-no só e enfiaram-se no café até às quatro da tarde. Também não estavam para o aturar, que se fosse embora se quisesse.

VIII

O Rubro decepcionou-se com o acampamento. Andara dois meses a prepará-lo, a contactar padres, os responsáveis do local, os amigos, e tinha a dolorosa impressão de que tudo foi debalde. No acampamento primava-se pelo egoísmo: cada um fazia o menos possível. «Os outros que façam, esses é que têm obrigação». E porquê o egoísmo, a resmunguice sempre na ponta da língua? Todos haviam sido seminaristas, tinham

frequentado um colégio interno onde a norma fundamental de vida era «faz o que deves e está no que fazes». Tudo se regia pela obrigação, pelo dever. Desde o levantar e ir à missa até ao jantar e ao estudo à noite. Saíram e descobriram então que na vida nem tudo são obrigações e deveres. Havia a liberdade, e descobriram-na. E Agora, o que cheirasse a opressão ou a dever lhes era altamente desprezível, como o ter de lavar a loiça.

Junto à bica da água o Rubro passava o esfregão por um prato e pensava. A água corria espumosa pelas pedras em direcção ao rio. Era do detergente. Faltavam apenas os talheres para completar a lavagem.

Também ele frequentara o Seminário e saíra um dia. Não era nem melhor nem pior do que os companheiros. Era o mais velho, tinha vinte e três anos e isso tornava-o mais responsável. Mas mais responsável de quê? Desde o início que o acampamento se tornara numa calamidade. Ele, que pensara gastar uns dias na paz dos montes e das águas, viera para um inferno. Andava-se às turras, ninguém dispensava uma palavra de agradecimento, de conforto, de solidariedade. Comia-se de cara torcida.

O testo de uma panela voou rente aos fetos.

«Oh! Vânia. Como eu gostaria que me ouvisses e compreendesses! Imagina que até me apetece chorar como quando era menino lá em Timor. A minha mãe vinha depois, pegava-me ao colo e beijava-me de mansinho até eu parar de chorar. Mas tu não vens e sei que não estás a pensar em mim. Conhecemo-nos. Vai quase há um ano... Escreveste-me muitas cartas e eu também. Fiquei louco por ti e aceitaste ser a minha namorada quando te fiz a proposta. Eu era feliz, muito feliz. Porém, um dia disseste-me que não era amor aquilo que sentias por mim; que era apenas amizade. Então eu tornei-me numa

noite fria. E ficaste muito preocupada comigo, continuando-me a escrever aquelas cartas de mel.

«Sexta-feira é o dia dos teus anos. Convidaste-nos a todos para a festa e comprometemo-nos a ir. Vou com os outros, animar, tocar viola. Porque no fundo, o que tu mais gostas é da minha viola e dos meus *shows*. Não passo de um jogral cuja função é animar a malta.

«Por que me deixas triste, Vânia? Pensei em ti para clarear esta noite. Escureceu mais. Os meus amigos são uns tipos porreiros. Hoje é que não os suporto, como à tua imagem. Vá, rua! Fora da minha vida! Não tens o direito de permanecer aqui dentro. Já te disse, fora! Fora!!».

IX

O Lula esquetejava o frango para o jantar enquanto o Cordeiro, contra sua vontade, cortava cebola para a panela. O Louro lia a *Menina e Moça* do Bernardim Ribeiro e o Rocha esfregava cuidadosamente um par de cuecas amarelas. Voltaram a meio da tarde do café, humildes como as canas ao vento. Não disseram palavra ao Rubro; deixaram-no solitário a dedilhar a viola na margem do rio.

Entretanto ouviu-se um ruído de um automóvel por cima do Boco. Momentos passaram e o Lula distinguiu três sujeitos a descerem em direcção às tendas. Eram o Barbosa e o Toninho com o pai do Miguel, dono do Mira-Rio. Largaram tudo e foram acolhê-los entre abraços e sorrisos. Até mesmo o Rubro foi, atirando a viola e o mau humor para o canto, correndo como bicho do mato.

Fizeram festa ao serão, já o pai do Miguel havia partido. Rodeados à volta da mesa improvisada, uns no chão, outros nas poucas cadeiras de lona, escutavam as últimas de Braga,

esperando pelo frango e pelas batatas que estufavam no fogão de campanha. Dizia o Barbosa para a assembleia:

– Saímos de Braga às quinze na camioneta para Chaves. Como não sabíamos onde ficavam as Cerdeirinhas, pedimos ao condutor para nos informar no momento oportuno. Ora, ele esqueceu-se e nós não saímos quando a camioneta passou por ali.

– E lá fomos nós todos porreiros da vida a apreciar a paisagem – continuou o Toninho –, até que numa das paragens entra um fiscal. Pede-nos o bilhete e considera-os inválidos. Deveríamos ter saído dez quilómetros atrás. Queria que nós pagássemos multa. «Multa!?!», perguntei-lhe. «A culpa não é nossa. Pedimos ao condutor para nos avisar quando a camioneta chegasse às Cerdeirinhas e ele não fez caso ou então esqueceu-se». O fiscal pensou, repensou e aconselhou-nos a sair na próxima paragem, que viria outra camioneta em direcção contrária.

– Não pagámos a multa, mas tivemos que pagar novo bilhete para as Cerdeirinhas – acrescentou o Barbosa. – Eram seis horas quando lá chegámos. Táxis, nem sinal deles. Mochilas às costas e pusemo-nos estrada abaixo, a caminho da Caniçada, conforme informações de algumas pessoas que íamos encontrando. Não sabíamos onde estávamos, sabíamos apenas que teríamos de chegar ao café Mira-Rio. Mortinhos de cede, entrámos no café e o pai do Miguel, mal nos viu, prontificou-se logo a trazer-nos no carro.

– Toninho, vieste de Guimarães? – perguntou o Rubro.

– Não, vim de Ronfe. Os meus pais foram para a praia da Póvoa passar o mês e eu dirigi-me para Braga onde o Barbosa esperava por mim. Terei de voltar na sexta-feira para me juntar a eles. Mas até lá vai acontecer ainda muito coisa.

– Olha, aqui ninguém se entende – começou a queixar-se o Lula.

Mas não lhe deram ouvidos, pois o jantar estava pronto. Comeu-se e as canções do Paul Simon e do Garfunkel ouviram-se na penumbra do início da noite. O Rubro tocava a viola com gosto enquanto seis vozes em desuníssono badalavam melodias em inglês. Sentiam-se felizes por partilharem juntos o serão e recordar os tempos do Seminário.

Eram sete. Apesar de a tenda ser grande, o Lula optou por dormir sozinho na canadiana, onde se guardavam trastes e sacos. Os restantes deitaram-se na maior. Havia, no entanto, um problema: minguavam os cobertores e o Rocha não queria ceder um dos seus, pois, dizia, tinha frio durante a noite. Contudo, por insistência do Toninho, o único que o conseguia vergar, acedeu largando para outro um dos que lhe sobejava. Sempre se arranjará com o lençol e um cobertor.

– Amanhã temos de ir falar ao Padre Matos, o reitor de São Bento, para combinarmos a sardinhada – lembrou o Rubro, despindo as calças surradas. – Eu escrevi-lhe antes de virmos, a convidar os jovens de Rio Caldo para um convívio, e ele deu aval positivo.

– E as sardinhas? Ainda não as temos – constatou o Louco com um ataque de bom senso.

– Talvez o pai do Miguel as arranje. Ele tem mercearia e costuma ir ao mercado da vila – atalhou o Rocha.

– Falamos com ele amanhã – decidiu o Rubro embrulhando-se no cobertor adentro.

A conversa arrastou-se. Do programa para os dias próximos passaram para o tema «mulheres» e só houve silêncio quando os roncos incomodativos do Louro se começaram a distinguir por entre a verborreia. O Louro adormecera de um modo angelical, face voltada para a saída da tenda, traseiro para os nictófilos desenfreados. O Lula dormia na tenda ao lado, sonhando com a miúda que deixou na terra.

X

O dia seguinte foi harmonioso e sereno. Terminaram as discussões entre os preguiçosos-convencidos e os convencidos-mandões. O Barbosa e o Toninho lavaram a loiça sem qualquer contestação acabando de vez com os dois grupos rivais.

– O último a chegar é lesma!

Corriam os sete com o Lula à frente em direcção ao rio. As barrigas marcavam onze horas da manhã e gostariam de refrescar-se antes do almoço. Mergulharam o Lula e o Cordeiro. O Louro encafuou-se a seguir com muita calma enquanto o Rubro preparava o famoso mergulho em diagonal. Nisto, arrojou-se o Toninho como seta. O Rocha e o Barbosa olharam-no, perderam-no de vista, começaram a preocupar-se e viram-no sair dez metros à frente.

– Que raio de susto! Já pensava que o rapaz havia tresmalhado nas águas – comentou o Barbosa.

– O rapaz nada bem – acrescentou o Rocha, preparando-se também para mergulhar. – Agora vou eu.

E chafurdou espalhafatoso.

– Ei, Barbosa, a água está à tua espera! – chamou o Toninho.

– Quê?... Eu não sei nadar.

Apertava o sol das quinze quando se afastaram do Boco. Três no carro e os restantes a pé, dirigiram-se para o Mira-Rio a matar o vício, encomendar as sardinhas e adestrar a língua com a Sandra, empregada de balcão. As sardinhas tê-las-iam no dia seguinte de manhã vindas da vila. A mãe do Miguel prontificara-se a comprá-las.

– Quem vai a São Bento comigo? – perguntou o Rubro

entornando um fino consolado.

– Só podem ir cinco! – atalhou o Rocha, que não gostava do carro a abarrotar.

Ofereceu-se o Toninho. Os outros ficaram no café alternando a vista da televisão para a Sandra e da Sandra para a televisão.

Ao chegarem a São Bento, deram logo de caras com a João, a loucamente apaixonada pelo Carlitos. Afinal não pôde ir a Braga, desculpou-se. O pai, com o calor que estava, preferiu ir só dali a uns dias e como não tinha outra boleia...

– Viemos falar ao Padre Matos, o reitor.

– Neste momento deveis apanhá-lo na igreja. Mas ficai mais um bocadinho. Queria tanto falar com vocês...

– Estou com uma sede desgraçada! – lastimou-se o Rubro.

– Então vamos beber qualquer coisa. Eu também tenho a garganta seca – sugeriu o Toninho.

E encaminharam-se para o café mais próximo onde tiveram de ouvir a João a contar as virtudes do Carlinhos.

– Missa às onze celebrada na ermida pelo padre Mário e convívio às treze – informou-os o Padre Matos na sacristia da ermida de São Bento com as mãos nos bolsos da batina.

– Sr. padre, vinho não temos. Só arranjamos as sardinhas – disse o Rubro.

– O Almerindo trata do vinho e do pão. Dois garrações devem ser suficientes, não achas, ó Almerindo? – perguntou o padre ao namorado da João poisando-lhe a mão no ombro. – O caldo verde é feito pelas meninas.

O Almerindo nas férias cumpria os deveres de sacristão.

– Sendo assim, nada mais há a combinar. Esperemos que apareça muita juventude – acrescentou o Rubro.

– Sabem, a juventude nesta época anda bastante ocupada. Quase toda trabalha na OTL, aquele programa do governo para Ocupação dos Tempos Livres, ou lá como lhe chamam. Mas de certeza que as sardinhas se vão comer. Cheirando a tacho, aparecem todos.

XI

Acenderam-se as luzes do campo de futebol. O jogo estava prestes a começar e no meio do campo a bola já saltava dos pés do Lula para a cabeça do Cordeiro. Vestiam à Porto. As camisolas surripiou-as o Rubro no colégio onde trabalhava como monitor. Havia uma para cada jogador. A equipa adversária era composta pelo Miguel e pela malta da freguesia. Quando entraram em campo, os de Braga tremeram. Os outros eram uns cavalões. Perderiam concerteza. Mas como dizia o ditado que os homens não se medem aos palmos, talvez os da freguesia pudessem ser batidos.

O Rocha, sentado a um canto, olhava o jogo enfasiado. Não lhe dizia nada andar a correr atrás de uma bola. Enfim, uma perda de tempo. Mas como os outros gostavam, havia que aguentar o desafio, mesmo sem jogar. E depois alguém tinha de ficar de fora, pois era gente a mais. Veio a Sandra fazer-lhe companhia.

– Não jogas?

– O número de jogadores está completo. Sobramos dois: eu e o Barbosa, que está a conversar a li com o padre Armindo.

– Deixa lá. Pelo menos apoias a tua equipa. A nossa tem muita gente a apoiá-la. A vossa é que não.

– E tu, qual apoias?

– Eu?... Apoio a vossa!

– Ah! Assim é que se fala.

– Eu gosto muito de futebol. Nas escola, lá na vila, pertença a uma equipa feminina.

– Deves ser boa jogadora. Com essas pernas...

– Que nada! Não fomos nós a ganhar o campeonato...

– Estudas em que ano?

– Passei para o décimo primeiro.

– Mas trabalhas no café.

– Só nas férias. Para ajudar os meus tios.

– Sei. Tens namorado?

– Não... Já tive. Zangámo-nos. Agora estou livre.

– Senta-te aqui a meu lado. Estás para aí de pé. Assim cansas-te.

– Vou sentar-me, vou. Estive o dia todo de pé no bar. Aquilo parece que não, mas é fatigante.

– O Louro anda a fazer-te olhinhos.

– Que ideia! Ele é uma pessoa porreira. Mas olhinhos, não. Claro, eu simpatizo com todos vocês. Sabes, tu pareceme o mais fixe. Pensas, não ages como os outros. E tu, não simpatizas comigo?

– Claro que simpatizo! Além de seres bem feitinha, sabes conversar. Esse sorriso, cá para nós, Sandra, põe-me doido.

– A sério?

– Nem imaginas quanto.

A miúda ficou tão impressionada com as palavras do Rocha, que naquela noite adormeceu numa nuvem de branca e esponjosa esperança. «Mais dois dias e como-a», pensou ele descendo com os outros no carro a estrada para o Boco.

A noite invadira tudo. Ganharam oito a sete e estavam satisfeitos. Havia que dormir bem para no dia seguinte não parecer mal na sardinhada. A presença das miúdas de Rio Caldo era certa e a moral não poderia estar em baixo.

– Ó Rocha, estiveste durante todo o jogo a bater coiro à

rapariga do café – exclamou o Toninho chegando-se em voz abafada ao Rocha quando se preparavam para dormir. – Não me digas que estás interessado nela!

– Não. Estávamos só a conversar.

– Vá, não estragues a vida à rapariga.

– Toninho! Eu nunca estraguei a vida a ninguém. Estou no meu canto e são elas que vêm ter comigo. Se a vida lhes sai estragada, são elas que a estragam. Quando querem da coisa, eu dou-lhes. Não tenho nada a perder.

– Sendo assim...

E deitaram-se os dois.

Como o Rocha havia mudado! Que ele gostava de mulheres, isso já o Toninho sabia há muito. Mesmo em tempos de Seminário. Mas respeitava-as, vendo nelas algo de diferente. Agora perdera aquele sonho de que eram deusas para amar. Degenerou quanto à opinião que tinha do sexo oposto. Ou talvez não. Talvez estivesse certo.

XII

Foram colegas no Seminário durante cinco anos. Quando o Rocha entrou, já o Toninho era seminarista desde os treze. A vocação do Rocha nasceu tardia e morreu cedo. Lembrou-se de ser padre naquela idade da maluqueira, os quinze anos. O Toninho não. Entrou ainda miúdo e nunca pensara bem se realmente queria ser padre. Adaptou-se ao sistema interno, encarrilou. Depois descarrilou.

Recordava-se bem da primeira manhã em que acordou num dos quartos do Seminário. Abriu a janela em guilhotina, empenada pelo sol e pelas chuvas, e aí se postou a mergulhar a vista no que o rodeava. O dia nascera cinzento e, mesmo que ele não se deixasse impressionar muito pelo aspecto da

atmosfera, sentiu o peso de uma tristeza que, por segundos, lhe rondou o cérebro. Uma aragem fria obrigou-o a afastar-se e descer os vidros. Lavou a cara na bacia em ferro de tripé com manchas de ferrugem e sarro entranhado de anos e vestiu-se com certo vagar. Não dormira bem, estranhou o colchão e a almofada, duros e deformados pelo número de indivíduos a que foram sujeitos suportar. Mas não foi apenas uma questão técnica que lhe tirou o sono. Foi a sua nova situação. Encontrava-se, pela primeira vez, longe da família e das pessoas conhecidas, num ambiente estranho e até certo ponto misterioso. Desde a sua chegada no dia anterior até àquele momento, já se tinha arrependido dezenas de vezes da sua escolha. O que lhe ofereceram não era o que esperava. Tinha em mente um lugar de ordem, de paz e reflexão. E que encontrara? Uma balbúrdia numa casa enorme e escura com odores de sujidade e mofo, onde era obrigado a conviver com rapazes não muito diferentes daqueles que andavam na rua livres de tanta renúncia.

Calçou as botas e saiu para o corredor. Outros passavam por si sem lhe dizerem bom dia, indiferentes, os olhos estremunhados de sono. Juntou-se-lhes silencioso e com eles desceu os cinco lanços de escadas que os separavam da capela.

Fez o possível por se concentrar nas orações da manhã e durante a missa. Achou interessante a recitação em conjunto de alguns salmos a que chamavam *laudes*, como vira escrito no topo da página do livro de capa castanha do colega ao lado. Esforçou-se por cantar com os outros, mas desafinou sem querer, pois desconhecia os cânticos. Até que o colega do lado lhe mandou uma cotovelada de admoestação pela ilharga e ele calou-se envergonhado.

Nada era igual à liturgia da velha igreja que frequentara desde miúdo na aldeia. Aí parecia tudo mais natural, mais

familiar e menos pomposo. O padre Granjo, a precisar de reforma, pigarreava a missa e o terço sem grandes preocupações místicas, resumindo os rodeios e cortando a prosápia espiritualeira. Falava do que sabia e todos o entendiam. Ali os padres falavam de outro modo, com certo requinte de frases e entoação solene. Eram doutores em teologia, concerteza conheciam todos os subterfúgios da arte de convencer na fé.

Sentia-se um pouco desorientado e forçava-se a redobrar a atenção para não se ajoelhar no momento de sentar-se, ou o contrário. No entanto, era de tal forma novo aquilo que o rodeava, que facilmente se perdia em conjecturas visuais. Extasiou-o o estilo da capela. Em tamanho conseguia ser três vezes maior do que a igreja da sua terra. – Por que lhe chamariam capela? – perguntou-se, enquanto o Dr. Meireles erguia o cálice. Nas paredes laterais, em painéis pintados com grande perfeição, estavam representados santos que ele não conseguia identificar: um frade de cara muito rapada, um barbudo grisalho de espada na bainha, um bispo mitrado de trajos até aos pés. No altar mor, por detrás do sacrário dourado, um enorme painel com o São Tomás de Aquino. Esse conhecia-o ele, pois vira uma reprodução igual num livro de história. Aparecia o São Tomás sentado, um gorro de lã na cabeça, com um colar ao pescoço em forma de sol. Só mais tarde é que viria a compreender a razão do painel com tal doutor da Igreja no lugar mais nobre da capela.

Sentiu nova cotovelada do colega do lado e reparou que era o momento da comunhão. O organista atacava já um cântico a dar aos foles do harmónio. Ele juntou-se à fila que se formou diante do altar, à frente do Dr. Meireles de píxide na mão. Recebeu a hóstia na boca e sentou-se a olhar o tecto de gesso branco decorado com motivos greco-latinos.

O dia anterior revia-o deveras caricato. Antes de sair de casa, tivera uma birra com a mãe, que queria forçosamente que ele vestisse o fato novo e pusesse gravata. Ele teimava em ir de calças de ganga e casaca de cabedal. Ainda não se sentia preparado para o fato escuro. «Mudar de vida, mas devagar.» A discussão amainou e mãe e filho apanharam o autocarro com duas malas pesadas de lençóis, toalhas, roupa interior e exterior, algum calçado. Não que ele precisasse da sua companhia com o receio das paredes da nova morada, mas assim tornava-se mais fácil carregar a bagagem.

Na cidade, andaram um bom pedaço a pé até ao grande edifício com as armas de um arcebispo gravadas em pedra na fachada. Na rua em subida até ao portão principal quase perderam o fôlego. «Se assim for a caminhada... muito difícil será chegar», pensou. Recebeu-os na portaria o padre Antunes, muito atencioso mas nem por isso simpático, e encaminhou-os para aquele que seria o seu quarto durante um ano, no último andar do edifício. Em breves palavras explicou as actividades reservadas para o resto do dia e despediu-se para atender a outros que chegavam.

A mãe olhou abismada a pobreza do quarto e, não fossem as circunstâncias, armava logo ali um banzé. «Se isto é quarto que se apresente a um seminarista! Nem para poleiro servia. O porco lá em casa tem uma corte bem mais acolhedora. O melhor é remediares-te com o tens. Foste tu que escolheste.» Como era o quarto? Bastante fradesco, para não dizer franciscano. Uma cama de ferro com um colchão desnudo de folhelho às manchas escuras de vícios solitários de outros inquilinos. Um armário para a roupa e os livros sem portas, uma mesinha de cabeceira roída de bicho a cheirar a chulé, uma secretária sem gavetas, uma cadeira em perigo de desintegração, um lavatório que em muitas casas era relíquia,

e um candeeiro sem lâmpada preenchiem o largo vazio. A porta não tinha fechadura e à vontade ninguém poderia estar. A ele passaram-lhe ao lado todas estas coisas. Eram antes considerações de mãe que desejava ver o filho bem instalado. A ele coisas mais altas o preocupavam. Pensava no melhor modo de conhecer os novos companheiros.

Acompanhou a mãe à portaria, ouviu-lhe as últimas recomendações e despediu-se com um beijo rápido. Até que enfim se via livre! Quinze anos sob a protecção das asas maternas era demasiado tempo. Agora estaria entregue a si próprio. Sentia-se liberto. Voltou a subir a escadaria e procurou descobrir a forma de se apresentar aos colegas que encontrasse. Havia nos corredores e nos quartos grande agitação, com mães, pais e crianças numa azáfama de dia de festa. Não precisou magiciar muito no assunto. Ao entrar no quarto, dois rapazolas dirigiram-lhe a palavra:

– Tu és um dos novos, não és?

– Sim... – respondeu ligeiramente receoso.

– Eu sou o Rubro e este é o Toninho.

– Prazer em conhecê-los. Alberto Rocha.

E cumprimentaram-se.

– Vieste da Escola Secundária...

– Sim, vim.

– Nós estamos cá desde miúdos. Crescemos no Seminário.

– Ah!

– Vamos dar um passeio pela cidade, para fazer tempo até à hora das orações da tarde. Não queres vir connosco?

Ele aceitou a companhia. Um passeio era um bom começo para as relações com os futuros colegas.

Embora se desse bem com o Rubro, foi praticamente com o Toninho que o Rocha construiu uma amizade que se

projectava para além das paredes grossas e frias do Seminário. Os projectos, as paixões, as maluqueiras do Rocha sabia-as o Toninho, sempre disposto a ouvir e a acolher com uma descarga de conselhos e admoestações quando havia exagero. É que ele, apesar de mais pequeno em estatura, era para o Rocha uma espécie de irmão crescido, a voz da razão.

Mais reservado nos projectos e em certos ideais, o Toninho via o Rocha como um prolongamento das suas opiniões acerca da Igreja e dos homens. As suas conversas ou versavam estes assuntos ou iam cair irremediavelmente em mulheres, sem dúvida o tema preferido de ambos.

Estiveram os dois apaixonados no último ano em que frequentaram o Seminário. O Toninho ficara de amores por uma rapariguita inócua que era catequista na igreja onde ia ensaiar. Muito discretamente, procurou abafar, evitando complicações com os padres. Ao Rocha deu-lhe para engrajar com uma menina de colégio. Dizia-lhe o companheiro para não se entusiasmar demasiado, pois a miúda era muito nova e ele podia sofrer uma desilusão. Foi o que aconteceu alguns meses depois.

O Rocha ainda não se conformara com a ideia de a ter perdido. Ou talvez se tenha conformado e por isso atacava agora sempre que podia. Para ele, todas eram iguais. O Toninho lamentava-o por um lado e por outro invejava-o. Após o seu grande amor, um caso platónico revestido de flores e Paul Simon, não conseguira refazer-se apaixonando-se novamente ou andar com outra. Bem desejava, bem se esforçava, mas, ou nada acontecia, ou resguardava-se, não fossem elas magoá-lo.

A situação dos dois amigos era diversa. O amor do Rocha, tão prometedor no início, desvaneceu-se quando a rapariga o traiu. O do Toninho foi vivido interiormente e,

porque a rapariga estava longe, salvou-se de uma desilusão. Para os amores do Rocha, em muito contribuiu o Toninho. E era com um misto de qualquer coisa indefinida e real que o primeiro recordava os acontecimentos que levaram ao seu actual estado.

PARTE II

XIII

O colégio de Santa Rita ficava na mesma rua do Seminário onde os dois companheiros gastavam a vida. Tinha como finalidade a educação de raparigas órfãs ou com problemas familiares, havendo também uma secção para acolhimento de mães solteiras. Era dirigido por religiosas, todas muito dedicadas à educação doméstica, social e religiosa das suas protegidas. Estava marcada para um sábado a visita do bispo, cujo objectivo principal era o baptismo de duas crioulas e o crisma de meia dúzia de transmontanãs, o acontecimento mais importante ao longo do ano naquela casa, pois haveria gente de fora, comia-se melhor e havia um convívio muito especial com música e teatro preparado pelas miúdas. Durante a semana todas se dedicaram à sua preparação. O Toninho fora convidado por intermédio do reitor para lhes ensaiar umas cantigas populares. Como necessitasse de acompanhamento musical, pediu ao Rocha, uma vez que o Rubro andava muito ocupado com o grupo de jovens de que a Vânia fazia parte.

– Preciso de ti.

– Para quê?

– Para tocar viola.

– A quem o vieste pedir! Eu sei um ou dois acordes e pouco mais.

– Para o que é serve.

– E onde é a festa?

– A superiora do colégio de Santa Rita foi pedir ao reitor um seminarista para ensaiar às miúdas umas canções populares. O reitor veio falar comigo e eu aceitei, que remédio. Mas preciso de alguém que toque.

– Se assim é, podes contar comigo. Quanto a afinações, não te prometo nada.

– Então vens ao próximo ensaio, na quinta-feira à noite. É para uma festa que vão fazer no sábado de tarde. Vai lá estar o bispo D. Roberto a baptizar umas pequenas e depois há um convívio com os familiares.

– Terei de comprar cordas novas para a viola.

Logo após o jantar de macarrão e sardinhas, o Toninho e o Rocha deixaram o Seminário e partiram rua acima. Acolheu-os ao portão alto pintado de verde uma freira de meia idade. Toda simpatia, convidou-os a entrar. Levou-os a contornar um jardim de rosas e introduziu-os no edifício, uma casa enorme do princípio do século, doada talvez por alguma alma devota arrependida dos pecados à hora da morte. Subiram umas escadas largas em madeira chiante que raras vezes sentiam passos de homem, para além dos do padre Antunes e do padre Roriz, directores espirituais das meninas. No último andar, o terceiro, ouviram um murmurar claro de vozes. A irmã abriu-lhes a porta de uma sala e viram uma mão cheia de miúdas muito animadas a conversar. Fez-se silêncio imediato e os dois companheiros entraram, o Rocha com a viola, o Toninho com um maço de fotocópias pintadas de linhas e pontinhos negros. Deram as boas-noites e só uma outra irmã, que lá se encontrava, respondeu, aflita, a recebê-los.

O ensaio iria começar, muito sóbrio e solene, com as duas irmãs religiosas a assistirem sentadas ao lado dos dois rapazes. Era a sala de costura, com máquinas de coser e retalhos de pano ao canto. Para maior funcionalidade, dispuseram-se

cadeiras em anfiteatro onde as miúdas se sentavam, umas envergonhadas de olhar no chão, outras de olhar atento e matreiro. O Rocha reconheceu três: a Cláudia, a Guidinha e a Sónia. Conheceram-as há um ano atrás, numa das suas andanças pastorais. Quando elas o viram, sorriram-lhe sem as freiras perceberem.

O Rocha desensacou a viola, sentou-se e pôs-se a afinar as cordas. O Toninho, que com este era o terceiro ensaio que fazia, distribuiu as fotocópias por cada uma das presentes e anunciou a primeira canção: *Meu amor fala baixinho*. A freira que os recebera carregou o sobrolho e pôs-se à escuta. A outra olhava enternecida os dois jovens, futuros sacerdotes para a Igreja de Cristo. O Toninho pediu o tom ao companheiro e entoou o primeiro verso da cantiga numa voz suave que só ele sabia fazer. Depois pediu para todas repetirem. Dentro das suas limitações corais, as miúdas foram cantando, com o Rocha a esgalhar viola abaixo. O Toninho era um maestro paciente e repetia a música tantas quantas vezes fosse preciso até entrar no ouvido mais duro. O Rocha apreciava o conjunto das vozes, o efeito da viola e os rostos em particular. Havia cada coisa mais linda!... Lá estava a Sónia a olhar para o soalho, tão loirinha e com uns olhos tão bonitos. Nenhuma das que ali estava tinha mais de dezoito anos. E aquela pequerrucha ao canto direito tão engraçada a fazer biquinho nos lábios enquanto cantava os versos *Os amores dissimulados / Sempre são os mais queridos?* O Rocha perdera o andamento da música e já metia um sol em vez de um ré. Uma cotovelada do Toninho e a nota certa ia ao sítio.

Uma hora passou e resolveu-se fazer um pequeno intervalo para respirar e acalmar as gargantas. O Toninho aproveitou para apresentar o companheiro, um entendido tocador de viola à disposição na festa de sábado. O Rocha

agradeceu o elogio e começou a pôr as miúdas à vontade com uma anedota a propósito dos tocadores de violão. As freiras tinham saído a dar uma ordem qualquer, criou-se um pequeno diálogo. Já todas riam e havia algumas até que desejavam contar também uma anedota. O Rocha assumiu o papel de coordenador e ria a traços grossos fazendo olhinhos às três conhecidas que cochichavam entre si enquanto cada uma ia contando a sua anedota mais ou menos inocente. O Toninho parecia absorto num dos papéis de música, sem prestar muita atenção ao chinfrim criado. Entretanto, uma das irmãs voltou e juntou-se ao riso contando também ela uma das suas sem piada nenhuma. Foi quando o Rocha sentiu um olhar a incomodá-lo do lado esquerdo da sala. De pé, encostada à parede de estuque, uma miúda de cabelo encaracolado, muito alta e doce, sorria. O Rocha perdeu a vontade de rir e ficou perturbado. Quem seria? Porque não estava sentada com as demais? Não a tinha visto quando entraram na sala. Teria chegado depois? Não acabou o raciocínio: o Toninho preparava-se para iniciar a segunda parte do ensaio.

Uma revisão geral a todas as canções, cerca de oito, e o ensaio estava terminado. Encontravam-se medianamente prontas para cantar na festa. Se saíssem menos bem não sairiam totalmente mal e o Toninho fez o que pôde. Com três ensaios e com aquelas vozes pouco habituadas a voltas de meio tom era muito difícil.

Abandonaram a sala e no vestíbulo formou-se um grupinho com a freira que ficara, as três conhecidas do Rocha, algumas curiosas e os dois camaradas. Encetou-se uma breve conversa acerca da festa primeiro e depois do Seminário. A miudagem queria conhecer melhor os seminaristas, tão simpáticos e tão giros. E, enquanto a freira bombardeava o Toninho com observações sensatas e pertinentes, as meninas

rodeavam o Rocha contando ora uma isto, ora uma aquilo, excitadas e alegres. Até que ele divisou perdida no grupo a menina do cabelo aos caracóis. Dirigiu-se-lhe e perguntou:

– Como te chamas?

– Nancy.

– Tens um nome muito bonito.

– Obrigada.

– Nascestes na América?

– Nasci no Canadá.

– Bem me pareceu. Tens uma pronúncia acentuada. Falas inglês?

– Um bocadinho.

– Ah! Que fizeste à tua mão?

– Não é nada. Foi ontem na cozinha.

O Rocha pegou-lhe na mão de dedos finos e longos e analisava-a interessado. Que fásca lhe atravessou a espinha, que seta lhe perfurou os sentidos? Largou-a com delicadeza.

Quando os dois saíram em direcção à velha morada sob o céu de estrelas, após um lanche rápido de leite e biscoitos caseiros oferecidos pelas caridosas irmãs, o Rocha tremia e achava-se deveras estranho. O Toninho, que não era parvo nenhum, calculara logo o que vinha no espírito do companheiro. Conhecia-o demasiado. Não eram camaradas há cinco anos?

– Rocha, não me digas que ficaste caidinho pela miúda!

– Quê?! De forma nenhuma. Mas, sabes, fiquei embaraçado. Nunca me tinha acontecido.

– Ela é bonita.

– Como eu nunca vi.

– Rocha, tem cuidado. Muita prudência. És seminarista, caramba! Futuro padre. E depois não passa de uma miúda de colégio.

– Ó Toninho! Mas eu disse alguma coisa? Ela é bonita e pronto.

– Hmm!... Já não vais dormir hoje.

– Não vou dormir?! Essa é boa! E tu, que não tiravas os olhos da Sónia?

– Que Sónia?

– Aquela loirinha, de olhos verdes.

– Espera aí! Estás a exagerar. A Sónia é engraçadinha, sim senhor. Mas isso não significa que eu me tenha impressionado. E além disso tu sabes muito bem que os meus amores são outros.

– Pois, a Florbela, aquela de cabelos de ouro parecida com a Vénus do Boticelli.

– Cala-te que alguém pode ouvir.

– Sim, eu sei, as paredes têm ouvidos. E a culpa é dessa lei estúpida do celibato que nos impõem.

E com toda a fleuma começou o Rocha a dissertar sobre essa lei da Igreja para os padres e religiosos enquanto desciam a rua. Era uma lei aberrante, anti-natural, concomitantemente inaceitável. A conversa espalhou-se pela noite, no quarto desarrumado do Toninho. Discutiram, concordaram e, cépticos frente ao término de tal abominação, acabaram por ler alguns poemas de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos em livro de bolso. Eram três da manhã quando o Rocha deixou o companheiro e foi para o seu cubículo sonhar com a menina alta e doce.

XIV

No colégio de Santa Rita caía o silêncio do sono. As irmãs, nos seus quartos individuais, sonhavam com o sacratíssimo coração de Jesus; as miúdas com aventuras

amorosas ou num príncipe encantado montado numa moto japonesa a aparecer na desembocadura do quintal onde as irmãs plantavam couves. Havia, no entanto, alguém que não dormia. Chorava rosto colado ao travesseiro para as duas companheiras de quarto não acordarem. Era a Nancy, a menina dos caracóis. Por que chorava?

Sentia-se tão feliz naquela noite que não podia conter as lágrimas. Um rapaz meigo e carinhoso olhara para si, pegara-lhe na mão, falara-lhe. Podia ter falado assim com as outras. Mas foi só com ela. E sentiu uma alegria tão grande que teve de perguntar à Guidinha, quando ele partira, muitas coisas a seu respeito. A Guidinha conhecia-o. Era tão espontâneo, tão divertido! Nem parecia um seminarista. O António, se bem que mais bonito, já parecia um padre, sisudo e com aquele olhar lento e desconfiado. Ele não. Punha toda a gente à vontade, cativava as pessoas. Não sabia porque é que a irmã Miquelina não gostava dele. Dizia que o comportamento do Alberto não calhava bem a um seminarista. Seminarista! Ele era um seminarista, meu Deus! Estaria a cometer um pecado ao pensar nele daquela maneira? As pessoas nasceram para amar e serem amadas, mas ela nunca recebeu um carinho de ninguém. Só dele, ao pegar-lhe na mão ferida. Onde estava o seu pai, a sua mãe? Não sabia, era filha adoptiva de uns pais que não lhe pertenciam. Nunca gostaram dela, evitavam-na sempre. Para se verem livres meteram-na naquela casa de freiras. Não se importava com isso. Era preferível estar no lar do que em casa a ouvir as suas imprecações. Viriam à festa no sábado e talvez ela fosse passar uns dias à terra, agora que as aulas acabaram. Que pena só agora ter conhecido o Alberto! Vê-lo-ia mais uma vez e depois... As irmãs queriam que ela fosse definitivamente viver para casa dos pais adoptivos. Tinha catorze anos, já era uma mocinha. Mas ela preferia ficar no

colégio. Era aqui que tinha as amigas, principalmente a Guidinha, a conselheira, a irmã que nunca lhe deram. Se fosse para casa, perderia tudo e viriam novamente os problemas com os pais. Se o Alberto pudesse ajudar...

O dia de sexta-feira começou luminoso e fresco. Um odor agradável vinha do jardim coberto de rosas vermelhas e os pardais rumorejavam nas nogueiras do quintal. Pelos corredores e pelas escadas já se ouviam as vozes sonoras das freiras irritadas com o adiantamento da hora e o atraso no preparo do pequeno-almoço. Nancy levantara-se preguiçosa e sacudia os anéis do cabelo. Dormira três horas, se tanto. E ninguém podia ficar na cama para além das oito, a não ser que estivesse doente. Naquele dia havia muitas coisas a preparar: uma dança, algumas piadas, uma peça de teatro, o lanche para os convidados, o enfeite da casa e a limpeza da capela, a higiene pessoal. Nancy lavou a cara das lágrimas já secas e, depois do bom dia às companheiras de quarto, dirigiu-se ao piano numa sala contígua à entrada do edifício. Saíram algumas notas atrofiadas e desistiu de tocar. Permaneceu sentada a olhar as teclas pretas e brancas, braços pendidos. Que podia fazer, que podia decidir acerca da sua vida se os outros decidiam sempre por si?

A Guidinha apareceu à porta ainda em pijama.

– Nancy, que tens?

– Oh! Guidinha, és tu? Apeteceu-me tocar, mas perdi a vontade.

– Estás novamente triste... Deixa lá, os teus pais vêm ver-te amanhã.

– Não é por isso.

– O Alberto?...

– Fala-me dele mais um bocadinho. Diz-me tudo o que

sabes.

– Mas, Nancy, eu ontem já te disse tudo o que sabia. Quem o conhece melhor do que eu é a Cláudia e a Sónia. Aliás, não tenho muita confiança com ele. Falei-lhe uma ou duas vezes.

– Guidinha, eu não vou andar a pedir informações à mexeriqueira da Cláudia. Sabes muito bem que iria logo contar às freiras.

– O Alberto impressionou-te assim tanto?

– É uma coisa que eu sinto... Não sei explicar.

– Pois olha que eu não vejo nada de especial nele. Tem a mania que é engraçado, usa aqueles óculos horrorosos. Acho o António mais atraente, mais homem. Muito pensativo, metido em si. E aquele cabelo, aqueles olhos? Cativa logo uma mulher.

– Não gosto do António. É antipático, pensa que é muito importante, superior a nós. Trata-nos como crianças. O Alberto é simples, alegre...

– Nancy, seja como for, eles são seminaristas. Vê lá o que vais fazer. E depois não faltam rapazes lá fora muito melhores do que eles. E decerto ele nem olhou para ti.

– Ah! Isso é que olhou. Pegou-me na mão, falou-me...

– Não te confundiste? Ele também pega na mão da Cláudia e da Sónia, brinca com elas, e, no entanto...

– Talvez tenhas razão.

– Nancy, não penses mais nisso. Vai para baixo tomar o pequeno-almoço que eu já desço. Tenho de me vestir ainda.

Os dois camaradas faltaram às orações da manhã. Estava-se em época de exames, não havia aulas, o tempo era ocupado a estudar ou a fazer turismo dentro e fora do Seminário. O Rocha foi acordar o Toninho às dez para fazerem um *cross*.

Não, ficava para outro dia. Estava bastante fatigado, precisava de dormir mais uma hora ou duas, quem sabe três.

Não sabendo em que gastar a manhã, o Rocha tomou um duche e foi para uma das salas de aula tocar piano. Estudar não valia a pena, só tinha exame para o meio da próxima semana. Dois dias chegavam para passar revista às fotocópias e tirar um doze. Tocou para não pensar em nada, mas os pensamentos assaltavam-no da mesma forma. A *inventio* de Bach não o distraía.

Há cinco anos que andava no Seminário. Onde o entusiasmo do início, o desejo de cumprir um chamamento que lhe parecera ouvir? Desilusões. Queda na rotina, o aborrecimento dos estudos demasiado abstractos, nada palpáveis. E depois a tomada de consciência da relatividade de certos princípios que para a Igreja eram fundamentais: o celibato, a obediência à hierarquia, algumas questões de fé e de moral. A sua admiração pelo papa transformou-se em contestação. Embora aquele fosse o *papa da simpatia*, sempre com grandes multidões a fazer de claque onde quer que fosse, não tirava que não o considerasse um retrógrado. Rezava demais e pensava de menos. Só a palavra *hierarquia* já o punha azedo. As questões de fé e certas posições da Igreja a nível moral confundiam-no.

O Rocha punha em dúvida os dogmas, base, segundo os mais conservadores, de toda a Igreja. A virgindade e a assunção de Maria tinha-as como um verdadeiro disparate, a funcionar mais como doces que se ofereciam ao povo ignaro e sempre crente em qualquer coisa que saísse fora das leis naturais. Nesse aspecto tinha um pensamento positivista, incutido pelos próprios padres. A ressurreição de Cristo tinha-a como a explicava Leonardo Boff: não fora um renascer da carne, mas um renascer do espírito. Na realidade, o cadáver de Cristo

apodrecera dentro do túmulo. O que permaneceu foi a ideia. O crédito em relação aos textos bíblicos era negativo. E o principal responsável fora o padre Antunes, que havia leccionado à turma a disciplina de *História do Povo Bíblico*. Durante as aulas pôs em total descrédito as ideias mais comuns e tidas como certas acerca da Escritura.

Vivia uma crise e as luzes de um lado e do outro do muro eram cruéis: ou Deus ou rua! Estava quase decidido a aguentar mais um ano de cativo e depois outro, até chegar à meta que ele divisava negra e contrária à sua personalidade. Não podia abandonar aquilo em que tanta gente acreditava. Estava tudo em jogo. Que diriam as pessoas conhecidas, os pais, os padres, os colegas? Mas aqueles olhos, aqueles lábios, todos os olhos e todos os lábios que via remexiam-no por dentro. «Raios partam o celibato!» Não, aquilo era impossível de sustentar. Cederia por qualquer lado. E vinha-lhe um medo terrível de encarar a vida lá fora.

XV

Chegou o sábado e a tarde principiava plena de calor e boa disposição. No jardim do colégio havia já algumas famílias e as miúdas esmeravam-se nos quartos vestindo as melhores roupas e fazendo ao cabelo o que nem à massa de rissóis se faz. Daí a pouco chegaria o bispo com os padres para começar a cerimónia do baptismo e do crisma. O Rocha e o Toninho encontravam-se já na capela com mais quatro irmãos e outras tantas meninas a ensaiarem os cânticos litúrgicos. O Toninho estava ao harmónio, uma coisa velha e meia avariada mas que dava para desenrascar, e as vozes ressoavam selvagens pelas sacras paredes, o último grito em decoração de capelas particulares. Custara à congregação os olhos da cara, mas

Nosso Senhor merecia o melhor.

Com um pequeno atraso imprescindível – as pessoas importantes chegam sempre atrasadas –, o bispo entrou portão adentro com o séquito e as cerimónias começaram. Ah! Irmã Miquelina, que beleza era ver as suas pequenas, aquelas a quem você ensinara a rezar o *pai nosso* e a recitar os dez mandamentos, a receberem a água purificadora do baptismo! Que emoção! Haverá algo mais sublime? Tinha orgulho nelas. E que bem que respondiam ao sr. bispo! Aquelas meninas teriam um grande futuro. Pena não desejarem a vocação suprema, a doação total. O colégio de Santa Rita precisava de juventude. Era nestas meninas que punham as suas esperanças. Quem sabe alguma não encontraria a vocação no tempo que ainda lhe faltava para partir?

Estes e outros pensamentos embalavam o espírito da irmã Miquelina, toda engomada no seu hábito preto até aos tornozelos. Do baptismo passara-se ao crisma e o Rocha distinguiu a aproximar-se do altar num grupo de miúdas a Nancy, de rosto irresoluto e uma magnífica figura. Estacionara numa das pontas voltada para o altar. Trajava um vestido vermelho em matizes brancos e as mãos permaneciam cruzadas sobre o peito. O Rocha alterou a respiração e deu uma cotovelada ao Toninho atento à pauta da música. Era realmente bela. Mesmo assim, o Toninho preferia a Sónia. Ia mais com o seu tipo. «Espera, que aconteceu?», perguntou-se o Rocha. A Nancy saía desenfada da capela pela porta lateral. Então não receberia o crisma? Aquilo era tudo muito estranho.

As cerimónias findaram e, ao saírem, houve um suspiro de alívio. O bispo tinha um discurso indolente e pusera-se na homilia a desfiar longas considerações acerca dos deveres de uma boa rapariga, de uma boa irmã, de uma boa esposa. «Que saberia ele do mundo?», perguntava-se o Rocha. «Já alguma

vez snifara? Existiam ali miúdas que experimentaram do bom e do péssimo. Vinha agora o sr. bispo com lições de moralidade! Que as dê às freiras, que precisam mais da sua santa consolação, coitadinhas, tão sozinhas...»

Corriam crianças no jardim, as miúdas subiam e desciam as escadas, os pais trocavam impressões entre si ou com as irmãs sempre solícitas, a casa era uma balbúrdia. Começaria dentro em pouco o convívio com teatro, música e lanche, e pedia-se aos convidados para se dirigirem ao campo de futebol. Era um campo de futebol de cinco, em cimento, onde nas horas de recreio as meninas praticavam brutobol, um jogo, nas palavras da Cláudia, essencialmente de canelas e gritinhos de dor. O bispo e o seu séquito também para lá foram depois de se desparamentarem. Os espectadores dispunham-se à volta do campo sem traves e as meninas caracterizavam-se com excitação para os diversos números numa sala de aulas ali perto. As canções populares seriam o último número. Os dois companheiros discorriam futilidades com a Cláudia e a Sónia. Havia que ter cuidado nas conversas, não levantar suspeitas infundadas, os padres e as freiras não lhes tiravam a vista de cima.

O espectáculo começou com uma peça lenta e monótona sobre a vida da fundadora da congregação. As miúdas tinham sido mal ensaiadas e esqueciam frequentemente o papel. Nem o *ponto* remediava as situações embaraçosas. O texto era de uma vulgaridade atroz, cheio de exclamações e arrebatamentos piegas. O bispo bocejava e o padre Roriz dormia de olhos abertos. Por pouco não caía sobre a madre superiora mesmo ali a seu lado. Nesse comenos, o Rocha largou o Toninho e as duas amigas e dirigiu-se à Nancy, vestida agora de ilusionista, à espera da sua vez na entrada da sala de aulas. O Rocha tinha de lhe falar, vê-la de perto, saber o que se passava, se é que

alguma coisa se passava.

– Olá.

– Olá...

– Que papel vais representar?

– A história de um rapaz pobre e triste.

– Pobre?! Com essas roupas tão bonitas?

– Não havia piores e as irmãs preferiram assim.

– Estás nervosa...

– Sim, um bocadinho. Tenho receio de me enganar.

– Oh! Não te vais enganar. Descontrai os pés, respira fundo, pensa numa pessoa que tu gostas muito e verás que ficas óptima.

– Vou experimentar.

– Olha, a irmã Miquelina está a chamar-te. Parece que agora és tu.

– Sou... Bem, até já. E não te rias da minha figura.

– Vou chorar. Boa sorte.

Uma voz apazível, um pouco insegura mas sonante, fez estremecer a assistência de comoção. Até o padre Roriz acordara e o bispo se endireitou na cadeira de braços. A Nancy parecia mesmo um rapazinho a lamentar as suas desgraças e a crueldade do mundo. O Rocha ficara visivelmente afectado pelos encantos da miúda.

– Alberto, fugiste-nos.

– Quê? Ah! Cláudia. Não, vi a Nancy um pouco nervosa e vim descontrá-la. Coitadinha, parece que tem algum problema. Anda bastante triste.

– A Nancy?! É mas é uma fingida. Olha, na segunda-feira quebrou um vidro da janela do quarto e prometeu porrada à irmã Miquelina. Sofre de certas perturbações... Pelo menos é o que dizem por aí.

– Ah, sim? Ela quis bater na irmã Miquelina? Mas

porquê? Isso das perturbações não é razão.

– Parece que a irmã quer que ela vá para casa e têm havido alguns entraves a esse respeito. A Nancy não quer ir e os pais preferem que continue no colégio. Sabes como é, ninguém a quer aturar. Mas esquece. Anda, vamos ali para junto da Sónia e do António.

O espectáculo foi seguindo, ora uma dança popular com meninas vestidas de homem e bigode postiço, ora uma pequena representação, tudo elaborado pelas cachopas e pensado pelas irmãs. Houve uma altura em que ficou tudo de boca aberta: nove miúdas entraram para o campo de mini-saia e meias de *nylon* escuro dispendo-se três a três com um leque amarelo na mão. Da aparelhagem sonora ribombou uma música moderna muito agitada, as raparigas embalaram no ritmo e era um gosto vê-las a mostrar a coxa com as mãos no ar. O padre Roriz olhava desconfiado achando tudo aquilo uma vergonha – «as meninas que eu confesso a mostrarem as partes!...» – e o bispo, não querendo de momento incomodar-se com problemas de moral e costumes – faria o seu juízo no dia seguinte – batia o pé ao compasso da música muito discretamente. E a Nancy lá estava também, esbelta, a fazer píruetas e torções do tronco à esquerda e à direita com o leque em gestos harmoniosos.

O Rocha começava a perder o autocontrol. Que se estava a passar consigo? Iria perder o tino por causa de uma adolescente bonita?

Aproximava-se o último número. Toninho distribuía as fotocópias das canções, o Rocha reafinava a viola, o coro preparava-se. Deu-se início à primeira canção e a Nancy só via o Rocha concentrado na viola e nas indicações do Toninho. Alguém começou a bater palmas e até o padre Roriz acompanhava agora o *Meu amor fala baixinho* com um sorriso para a madre superiora. As meninas realmente cantavam bem.

Quem seriam aqueles dois rapazes? Já os tinha visto nalgum lado... Parece que acabou. Agora há um lanche. Mesmo a calhar: a garganta está seca e o estômago vazio. Preencha-se o colapso digestivo e console-se a madre – ruminava o padre Roriz.

Em dois minutos o campo de futebol ficava deserto. Sob as nogueiras do quintal encontravam-se mesas carregadas de doçarias e refrescos para as miúdas e seus familiares. Vinho só na mesa do clero, lá para dentro da casa. Os pais das meninas que se aguentassem com sumo de laranja. Fazia bem aos rins e não estragava o fígado. Além disso havia o exemplo, coisa muito importante para os mais novos. A Cláudia e a Sónia puxaram os dois amigos para debaixo das nogueiras. O Rocha trincava um croquete de carne quando foi interrompido pela irmã Miquelina. A freira chamava os dois, queria-os na mesa do sr. bispo, lá dentro de casa. Sim, iriam já.

– Ó Toninho, que raio de seca! Prefiro comer aqui com as miúdas.

– Eu também. Mas será melhor irmos. As irmãs podem ficar ofendidas.

– As intimidades com o bispo não me agradam nada!

– Não percebo. Tu, que estás sempre a criticá-lo de que ele não liga aos seminaristas, dizes isso. É uma oportunidade única.

– Pronto, pronto. O teu sermão convenceu-me. Cláudia, Sónia, nós vamos lá dentro. Vimos já.

– Não vos demoreis.

Saírem do quintal e entraram no jardim de rosas.

– Toninho, olha ali a Nancy. Não está a chorar?

– Parece.

– Vai indo tu. Vou ter com ela.

– Ó Rocha, deixa a miúda em paz!

– Não a vêes a chorar? *Consolai os tristes...* Se as freiras perguntarem por mim, diz-lhes que fui à retrete.

O Toninho subiu irritado as escadas e o Rocha aproximou-se da menina de caracóis. Quando esta o viu, limpou as lágrimas a um lenço desnudo e tentou disfarçar.

– Nancy, aconteceu alguma coisa?

– Não, não aconteceu nada.

– Estavas a chorar...

– Não... não te preocupes.

– Tens uma cara tão triste! Diz-me, que se passa? Posso ajudar?

– Obrigada, Alberto, obrigada. Mas não, não podes ajudar.

– Que pena! Olha, gostei imenso da tua representação do rapaz pobre. Tens muito jeito.

– Estás a dizer isso só por dizer.

– A sério! E as outras pessoas também gostaram.

– Estás a ver aquele rapazinho loiro a correr?

– Sim...

– É meu irmão. Vem cá, espreita para o quintal. E vêes aquela senhora além de vestido amarelo?

– Sim...

– É minha mãe. O senhor ao lado é meu pai. A irmã Miquelina quer que eu vá com eles para casa.

– E tu não queres?

– Eu prefiro ficar.

– Preferes?... Olha, Nancy, por que saíste da capela a meio da cerimónia? Não querias receber o crisma como as outras? O sr. bispo deve ter achado estranho.

– Desculpa, Alberto. Preciso de ir ali. Daqui a um bocadinho falamos melhor, está bem?

O Rocha ficou no meio do jardim a vê-la desaparecer

sob as nogueiras. Que miúda mais estranha! Dava-lhe volta à cabeça. Seria agora conveniente ir à mesa do clero cumprir a obrigação social e beber um cálice de porto. Subiu as escadas, entrou e encontrou um silêncio quase sepulcral com padres e freiras à volta da mesa a depenicarem os pratos de queijo flamengo e pedacinhos de presunto. O Toninho, figura baixa e tímida, escondia-se num canto com um copo de vinho branco na mão. O Rocha, pedindo licença a que ninguém respondeu, foi postar-se junto do companheiro. Ali permaneceriam até que o bispo e o seu séquito se fartassem do queijo e do presunto e partissem. Finalmente livres da hierarquia, volveriam ao quintal para se juntarem à miudagem. Queriam mais música, mas da boa, da estrangeira.

– Sabem cantar o Paul Simon? – perguntou a Guidinha que se aproximara também do grupo.

– O António canta bem – respondeu o Rocha.

– Então vamos para o campo de futebol. Lá estaremos à vontade sem as freiras a chatearem. Cláudia, Sónia, vocês alinham?

– Pois sim – concordou a Cláudia. – Sónia, vai buscar a viola do Alberto, se fazes o favor. Guardei-a na portaria.

– Está bem, encontrámo-nos no campo.

– Cláudia, chama a tua irmã, que eu chamo a Nancy – pediu a Guidinha.

– A Nancy?! Mas essa...

– Não discutas. Ana Maria, Cristina, venham também.

Chega para todas.

Cinco minutos passados, o grupo encontrava-se instalado no campo. Juntaram-se algumas cadeiras, o Rocha puxou dois acordes sonoros e o Toninho entoou o primeiro verso do *The Boxer*. As miúdas baloiçavam aéreas com os acordes e a voz que se espalhavam à volta. No refrão repetiam em coro

taciturnas, moles. Uma freira mostrou a cabeça de uma janela de casa e deixara-se a apreciar com os olhos distantes no sol que se escondia medroso. Pensaria na juventude, no futuro, em Deus todo poderoso e terrível? Não, Deus era bom como o refluir duma tarde quente e suave.

XVI

Os pais da menina alta e doce, que não eram os pais verdadeiros, tinham chegado ao colégio no princípio da tarde. Percorreram quarenta quilómetros desde a terriola para os lados de Ponte de Lima até à cidade com a finalidade de participarem na festa e reverem a filha. A irmã Miquelina escrevera-lhes uma carta que os embarçou. Colocava em risco os seus planos para os anos mais próximos. Pensavam voltar à América a ganhar mais alguns patacos. Porém, se a Nancy voltasse para casa, como era desejo da freira, isso exigiria terem de a levar, o que não era muito conveniente, pois já tiveram problemas bastantes com ela.

Nancy nasceu no Canadá. Sua mãe abandonara-a depois do parto, tendo sido entregue pela polícia aos cuidados de um orfanato com um dote de alguns milhares de dólares. O sr. Bastos e a esposa, emigrantes portugueses acabados de casar, adoptaram a criança e trataram-na como se fosse o seu primeiro filho, filho este que não podiam ter, por haver um problema de esterilidade num dos cônjuges. Quando voltaram a primeira vez a Portugal a passar umas férias, já a criança era uma linda menina de oito anos. Resolveram, no regresso ao Canadá, não a levar consigo. Estava crescidinha, podia ingressar na escola e aprender português. Além disso o trabalho e a vida de casa seriam mais fáceis para os dois se ela não estivesse presente: não haveria a preocupação contínua de zelar pelo seu bem-

estar. Deixaram-na então ao cuidado de um internato infantil dirigido por religiosas e partiram. Vinham todos os anos passar um mês de férias, tratar da conta no banco, rever os parentes e a filha adoptiva. Quatro anos decorreram, a miúda, bastante inteligente, aprendeu o português, fez exame final do ensino básico e estava pronta para continuar os estudos. Foi nessa altura que recebeu um grande choque.

Os pais voltaram do Canadá com um menino muito loiro, seu filho verdadeiro, tendo em conta que, entretanto, o problema da esterilidade fora resolvido, e decidiram instalarse definitivamente na terriola. Retiraram a filha do colégio e acharam ser a altura de lhe dizer a verdade acerca da sua origem. Nunca lhe tinham dito que não eram os pais autênticos e, no momento da revelação, a miúda reagiu mal e sofreu uma crise nervosa. Chorava horas seguidas, irritava-se com facilidade, vinham-lhe acessos de cólera contra os pais e o irmãozito. Levaram-na a um psiquiatra. O mal estava feito, só o tempo o poderia curar. O médico aconselhou os pais a deixarem a rapariga uns tempos afastada de casa a ver se recuperava do choque e todo aquele ódio se dissolvia, receitando-lhe, para acalmar, uma dúzia de drogas fulminantes. O colégio de Santa Rita foi contactado, ajustou-se o preço da estadia e uma semana depois a miúda entrava pelo portão verde num estado total de apatia: era o *aldol* a actual. Acolheu-a a irmã Miquelina e tomou-a como a primeira do seu novo grupo para o ano lectivo que começaria em breve.

As aulas reiniciaram, a Nancy conheceu outras miúdas da idade e paulatinamente foi recuperando da crise neurótica. Revelara uma larga inteligência e era a melhor da turma. As aulas, como em todos os colégios do género, eram frequentadas em regime interno e não havia contacto com a juventude exterior para além da tarde de domingo, única ocasião em que

podiam sair à rua. Mas a Nancy nunca saía. Estudava, lia, aprendia piano, queria estar só. Odiava os pais por lhe haverem escondido a verdade durante tanto tempo. No colégio ganhara uma grande amiga, a Guidinha. Era das poucas colegas com quem podia conversar, abrir-se, chorar quando a angústia a atormentava. Mas a Guidinha iria embora um dia, cada qual tinha o seu caminho. E ela não tinha nenhum, porque fora abandonada era ainda criança.

Fazia agora dois anos que viera para o colégio de Santa Rita. Terminara com aproveitamento o ano escolar, podia continuar os estudos lá fora. A irmã Miquelina queria que ela voltasse para casa, pois far-lhe-ia bem o convívio com os pais, o irmão e novas colegas numa escola diferente. Mas a família receava-a. Os pais não acreditavam na recuperação, para além de que lhes dificultaria a vida caso fossem novamente para a América. E ela também não desejava abandonar o colégio. Preferia viver ali do que junto daquela que nunca fora a sua família. A sua família estava ali, os seus pais e os seus irmãos eram as colegas e as freiras.

No dia da festa, quando chegaram, a irmã Miquelina chamou à parte o sr. Bastos e a esposa para os convencer a levar a filha. Pesaram os prós e os contras – seria mais económico tê-la em casa – e resolveram levá-la com certas reservas. Se não se desse bem, voltaria ao colégio de Santa Rita. Firmaram o acordo: iria primeiro passar uma semana, voltaria ao colégio para se despedir das amigas e depois iria definitivamente.

Pouco antes da cerimónia religiosa, a irmã Miquelina chamou-a ao pé de si e deu-lhe a notícia. Nancy ficou calada e virou-lhe as costas. Não lhe agradava mesmo nada os outros decidirem sobre a sua vida. Quando o bispo se preparava para ministrar o crisma, acercaram-se-lhe dos olhos algumas

lágrimas e foi obrigada a sair. Meteu-se na casa-de-banho e chorou até a Guidinha a ir lá descobrir no fim da cerimónia. Não seria o Alberto e não teria coragem para entrar em cena durante a festa. Tinha-a deixado já o sentimento de tristeza quando a mãe, após as representações, a foi aborrecer com insinuações de mau comportamento: porque ela fizera algumas asneiras e as freiras queriam mandá-la embora; porque era uma estouvada e passava a vida a arranjar complicações; porque, porque. Nancy voltou a chorar, sabia que a mãe estava a ser injusta. Mas para quê discutir? Iria morar com eles e a sua vida seria um contínuo desassossego. Quando estava perto de ser feliz num sítio, haveriam sempre de mandá-la para outro. Onde estava a felicidade? Onde estava a alegria? Não tinha direito a elas?

Após a conversa com o Rocha no jardim, foi preparar o saco com alguma roupa. A Guidinha encontrou-a a dobrar tristonha a camisa bege de que tanto gostava.

– Nancy, sempre vais?

– Sim. Mas para a próxima semana estarei cá de novo.

– Então não é definitivo. Ainda estaremos juntas mais um ano.

– Guidinha, não quero falar nisso. Ficarei uns tempos lá por casa e depois os meus pais decidirão. Eu já não sei o que é melhor para mim. É ridículo, mas passei a tarde quase toda a chorar.

– És uma chorona. Esquece e vem comigo. Os teus pais saem a que horas?

– Disseram que partiriam às vinte.

– Ainda tens tempo. O António e o Alberto estão no campo de futebol a cantar. Não queres ouvi-los? Havia de ver o António a cantar as músicas do Paul Simon!

– A sério?! Então espera. Tenho de entregar o saco à

minha mãe. Em seguida damos lá um saltinho. Também gostava de ouvir a voz do Alberto.

– Ah! Esse não sabe cantar. Tem a voz muito grossa. Até abala os ouvidos.

– Estás a provocar-me!

– Eu?! A provocar-te? Tu é que és cega. Olha gostar de um parolo daqueles! Sempre podias ter mais bom gosto.

– Cala-te. Tu é que nunca viste homens à tua frente.

– Sim, senhor. Realmente somos duas entendidas de gema! Anda, não percamos tempo. Eu vou para freira, por isso...

E saíram desenfadas escadas abaixo, o sorriso nos lábios, a malícia inocente no olhar. Que fossem para o diabo as freiras, os pais e os problemas! Hoje era dia de festa, não valia a pena ficar triste. A tristeza nunca resolveu problema nenhum.

– Juntem-se aos bons – exclamou o Rocha mal as viu aproximar-se.

– Guardem uma canção para nós – pediu a Guidinha toda gaiteira. – Queremos a mais bonita.

– Lá vem a delambida! – comentou a Cláudia para a Cristina a respeito da Nancy, torcendo o beijo magro e pálido.

– Cantávamos o *The Boxer* do Simon e do Garfunkel. Voltamos a cantá-la? – perguntou o Toninho.

– Não, vamos agora cantar o *The Sounds of Silence* – emendou o Rocha atirando-lhe um ré menor ao ouvido.

Hello, darkness, my old friend...

As meninas faziam coro quando calhava tropeçando no inglês e as palavras saíam baixas, meigas da garganta do

Toninho. O Rocha dedilhava as cordas, rugia quase mudo uma segunda voz nas partes que melhor conhecia. Era, como as miúdas, fraco no inglês. Mas bastava para criar um clima de descontração. A Nancy, com os últimos raios de sol a baterem-lhe na testa em caracóis castanhos, não lhe tirava os olhos de cima. A dada altura, levantou-se de mansinho, rodeou o grupo e depositou-lhe dois beijos na cara. Depois abandonou o campo e foi ter com os pais que a esperavam no jardim. A Guidinha ficou de boca aberta. Que sorte as outras não terem percebido! O Rocha não deu importância ao caso, estava entretido, mal sentira. Mas quando a miúda voltou e, dirigindo-se a ele de novo, lhe disse que tinha de partir, então caiu em si. Parou a música, ficaram todos à escuta.

– Então, Nancy, já vais? É muito longe?

– Um pouco. Contudo, eu volto.

– Desejo-te boa viagem e uma agradável estadia em casa.

Se precisares de alguma coisa... Eu moro ali em baixo. É só telefonar ou escrever.

– Obrigada, Alberto. Foi bom conhecer-te.

Assentou-lhe mais dois beijos, puxou a Guidinha e saíram ambas do campo. Três minutos após partia no *Ford* com os familiares a dizer adeus à irmã Miquelina e à amiga postadas diante do portão verde.

No campo de futebol a música acabara, pois uma freira descera as escadas e mandou recolher. As miúdas, enquanto se afastavam, comentavam o estranho comportamento da Nancy frente ao Alberto Rocha. Que haveria ali? Quatro beijos, despedidas, telefonemas?...

Terminava o dia, terminava a folia. Os parentes partiam, partiam os amigos. Ficavam as miúdas que não tinham família, ou que tinham mas era como se não tivessem, pois ninguém se importava com elas. Contrapondo-se a essa tristeza, era

reconfortante a sensação de segurança daqueles muros. Ali nada temiam, tudo estava controlado, determinado. Não seria a Igreja Católica a instituição com mais experiência na educação da juventude? De rédeas é do que a gente nova precisa. Da liberdade só nasceu a libertinagem e o pecado. Muitos acreditavam nisso e com esse espírito incentivavam tais empreendimentos.

XVII

O Toninho, sentado à secretária, deslizava os olhos pelo tecto de cal a saborear uma ideia, uma imagem qualquer. O Rocha, ao lado, de joelhos sobre o tapete de serapilheira com os cotovelos na secretária e a mão direita na fronte, fechava os olhos para afastar algo que não queria ver. A noite crescia, os outros colegas do Seminário, uns viam televisão no bar, outros entregavam a alma casta aos prazeres dos lençóis. Estes velavam, não tinham sono.

– Toninho, vou despedir-me do reitor.

– Vais quê?

– Vou-me embora! Não aguento mais isto. Eu não fui feito para o Seminário. Preciso de respirar.

Os dois calaram-se. A decisão do Rocha não surpreendia o companheiro. Um dia qualquer aconteceria. O Rocha andava na corda bamba sem ser artista de circo. Até que enfim tomara uma decisão. Quanto mais tarde pior. O Seminário fazia-lhe mal, a vida repressiva, a renúncia contínua àquilo que era o mais natural deste mundo desarticulava-o, prostrava-o vencido. O Toninho já não sabia se o Seminário foi feito para os fortes ou para os fracos. Ser fraco era gostar de mulheres e não ser capaz de vencer uma tentação? Ser forte era conseguir passar quatro horas seguidas diante do sacrário a dizer balelas ao

Cristo? Ser forte não seria antes ter a capacidade de se encontrar a si naquele matagal de preconceitos religiosos e sociais? Não seria ver que tudo aquilo era uma grande mentira e ter garra para renunciar a ela, mesmo que isso custasse o futuro e uma situação económica estável e cómoda? O Toninho olhava agora o Rocha e nascia-lhe uma grande admiração pelo companheiro. «Ele fora capaz, eu tenho medo. Aí está a diferença entre nós: ele é homem. Eu, o que sou?»

– Gostas dela?

– Como posso saber? Vi-a apenas duas vezes. Não gostaria que ficasses a pensar que vou sair por causa de uma menina de colégio. Não sou assim tão infantil. Tu sabes muito bem porque é que eu saio.

– Claro, Alberto, eu sei. És um indivíduo razoável. Não seria apenas por um motivo tão fortuito que largarias tudo.

– Largaria tudo? Enganas-te, Toninho. Agora é que eu encontrei tudo. Deus não está nestas paredes grossas e caiadas a ouro fino; não está em livros volumosos e plenos de sensatez ou em mentes doutas. Deus está lá fora, à nossa espera e é aí que eu pretendo montar a minha tenda, como Abraão na terra desconhecida de Caná.

– Que vais fazer?

– Quero cortejar o sol, senti-lo na cara despreocupado, sem padres a espiar, a condenar. Fartei-me das sombras e do mistério. Que diz o Caeiro?

– «O único mistério é não haver mistério nenhum».

– E tu?

– Eu?... Olha-me para estes livros todos que tenho de ler!

– Não, não. Pergunto-te pela Florbela.

– A Florbela...

O Toninho recostou-se na cadeira e suspirou. Não via a

Florbela desde a última visita Pascal. E era muito provável que não voltasse a vê-la.

XVIII

Era o terceiro ano que fazia a visita pascal em Cristelo, uma aldeia a espalhar-se até à margem esquerda do rio Minho.

O padre Lopes deixou-o manhã cedo junto à igreja, onde o esperava, não o sr. Moreno do costume, dente de ouro no sorriso, mas o sr. Regueira, muito mais novo, acompanhado de dois miúdos, um para a caldeia, outro para a campainha, ambos seus filhos.

– Então, o sr. Moreno?...

– Deixou a pasta a outro. Dizia que já estava velho para isto.

– E pegou-lhe você. Pois fez muito bem. Homens rijos e tementes é que se querem.

– Começamos?...

– Está na hora.

O sr. Regueira pegou na cruz, deu-a a beijar aos do compasso e partiram para as primeiras casas, o miúdo da campainha à frente num repique alegre de boa nova.

Percorreram umas sessenta casas durante toda a manhã. A primeira foi, como sempre, o café da aldeia, com o corcunda a servir ao balcão. Eram oito e trinta e havia já uma dúzia de fregueses no dejejum da bagaceira. Aos do compasso puseram-lhes um copinho de porto e só o miúdo da água benta o bebeu até ao fim. O Toninho molhou os lábios para não parecer desfeita, cumprimentou um a um os fregueses que veria dentro em pouco em suas casas com a família, e recomendou que avançassem.

A parte norte da aldeia era bastante pobre. Casas mais

antigas, gente encardida pelo trabalho dos campos, mãos de madeira cobertas de calos. Mesmo assim, era nessa zona que o Toninho recebia as melhores gorjetas. A meio da manhã, os bolsos da batina – feitos largos e fundos pelo alfaiate, como mandava a tradição – eram uma confusão de notas de cem e de quinhentos para ali metidas à pressa e sem ordem.

A última casa da manhã era a do sr. Pereira, emigrante regressado da França. Já nos anos anteriores terminava ali a primeira jornada e era forçoso ficar para o almoço. O sr. Regueira bem o queria levar para sua casa. Mas o emigrante teimou que era tradição ser ele a oferecer o almoço ao seminarista. Até já tinha a mesa posta e a panela no fogão. O outro, pouco convencido e até certo ponto ofendido com o emigrante, partiu. O Toninho não sabia o que fazer. Não queria era que arengassem por causa de um almoço partilhado por alguém que talvez não merecesse tanto desvelo.

Era a terceira vez que comia naquela sala de tecto alto em carvalho lavrado. A casa fora solar e tinha até capela, agora a servir de poleiro às galinhas. Mas o sr. Pereira confidenciou-lhe à mesa que, depois do restauro total da casa, passaria à capela. Asseverava mesmo que, quando o sr. Seminarista fosse ordenado, estaria pronta para ele ali vir celebrar o casamento às filhas.

O Toninho perguntou pelo poeta. Nos dois anos anteriores costumava estar à mesa com eles. O sr. Pereira disse-lhe que morrera no Inverno passado.

– E os versos? – inquiriu o Toninho.

– Tem-nos a família. Os filhos bem os queriam editar em livro. Mas sai caro.

O almoço cheirava a saúde e a campo. Cordeiro assado, cozido à portuguesa. Pena o arroz estar duro. O Toninho não gostava de arroz de forno. A sobremesa, além da fruta, foi

contemplada com uma travessa enorme de creme de leite torrado por cima.

À mesa era o sr. Pereira, que dera o lugar da cabeceira ao seminarista, as duas filhas, uma já nos seus doze anos e a deitar corpo de mulher, o sogro e um tio. A esposa e a sogra andavam pela cozinha à volta do fogão e das travessas.

O sr. Regueira apareceu com os miúdos depois das duas e recomeçaram a visita, que à tarde se fazia na parte sul da aldeia. O tempo embrulhou-se e prometia chuva. O Toninho sabia, que, apesar de ter de andar pouco, era aquela a parte mais chata, pois havia comezaina em quase todas as casas e a vizinhança armava procissão atrás da cruz. Era, por outro lado, a parte mais alegre, com gente nova e raparigas a querer meter-se com o sr. Seminarista. Numa das primeiras casas em que entrou, reconheceu logo as três irmãs ruivas que nos anos anteriores lhe chamaram a atenção pelo seu exotismo. A mais velha casara e trazia uma criança ao colo. A do meio encostava-se ao namorado, um marmanjo tosco e envergonhado de ali estar. A mais nova, apesar da presença dos pais, fez-lhe as honras da casa. Não largou o Toninho um segundo, encheu-lhe o copinho de porto e obrigou-o a beber até ao fim.

– Como se chama? – perguntou o Toninho.

– Não se lembra? Ainda o ano passado lho disse.

– Não, para minha tristeza não me lembro.

– Chamo-me Florbela.

– Ah, Sim! Então você é a Florbela. Pensei que era alguma das outras suas irmãs. Pois cresceu imenso, Florbela.

O Toninho achava estranho que as três irmãs fossem tão idênticas. O cabelo comprido de todas, avermelhado em ondulações revoltas, a cara sarapintada de sardas, os olhos cinzentos. Mas em Florbela sobressaía o sorriso matreiro. Era, de todas, a mais bonita, embora a beleza das outras não fosse

de desprezar. Dissessem-no os rapazes que as levavam.

Ao saírem, começou a chover. O sr. Regueira e os dois miúdos, porque o adivinhassem, levaram de casa o guarda-chuva. O Toninho era o único que não tinha. A Florbela comprometeu-se a abrigá-lo.

Caminharam pela estrada, sob a chuva fora de propósito. Ela falava, falava e, quando se voltava, uma madeixa roçava a face do seminarista numa carícia. Os outros iam à frente. Atrás apenas ele e ela, muito encostados debaixo do guarda-chuva. Mesmo assim, o Toninho via-se de batina molhada. O guarda-chuva era pequeno para abrigar um indivíduo do clero e sua acompanhante.

Entravam numa casa, Florbela ficava à porta. Depois seguiam. Até que a chuva parou e forçoso foi abandonar a companhia, não fossem as pessoas pensarem mal dela, que se atirava ao seminarista, e dele, que não podia ver um rabo de saia e assim punha em risco a sua vocação.

O Toninho agradeceu-lhe com dois beijos que o sobressaltaram. Pele lisa e mimosa, quente. Viu-a durante a tarde mais algumas vezes, noutras casas, nos caminhos, nalgum largo. Cumprimentavam-se com o olhar, um sorriso.

Na casa do mudo, os seus companheiros entraram e saíram logo. Ficou ele a aturar-lhe a maluqueira. Mostrou-lhe a casa toda em grunhidos pouco perceptíveis (uma miséria de ponta a ponta), a mulher com quem vivia (desgrenhada e suja), os patos, as galinhas, o porco. O Toninho, quando finalmente foi autorizado a ir-se, pensou que, nos últimos anos, deve ter sido ele a dar mais atenção ao mudo. De qualquer forma, a maior gorjeta que recebera naquele dia fora das suas mãos sujas e calosas. E sentiu-se envergonhado.

Depois da chuva, a aldeia animou-se e, nas casas que entrava, já não sabia quem tinha cumprimentado, pois andavam

os vizinhos nas casas uns dos outros. Já os conhecia dos anos anteriores e via-os como uma espécie de escanções a provarem o vinho, o presunto e o pão-de-ló para depois comentarem em que casa era melhor. O Magalhães andava bêbado. Numa curta troca de palavras com ele, o Toninho ficou a saber que era funcionário das Finanças. A Páscoa é dia de festa. Começava a beber no sábado de aleluia e só parava na segunda-feira à noite. Sobretudo uisque. O vinho pintava as tripas e fazia-lhe azia. Álcool purinho é que sim. E recomendou-lhe, cambaleante de copo na mão, para não abandalhar o sistema digestivo; que bebesse só uisque doze anos.

Recolheram à igreja ao fim da tarde. Houve foguetes e, do púlpito, o Toninho improvisou duas palavras de agradecimento pela visita que correrá ordeira e pelas pessoas que, com fé e simpatia, abriram as suas portas à cruz de Cristo Ressuscitado. Na primeira fila, a Florbela, a beber-lhe as palavras como Maria, irmã de Marta a Cristo. Enquanto o sr. Regueira dava pela última vez a cruz a beijar a todos os que compareceram, o Toninho desceu do altar e, entre a confusão dos que saíam e dos que se aproximavam, despediu-se de Florbela.

- Então até para o ano – disse ela sorridente.
- Se Deus quiser, cá estarei.
- Eu também. Esperemos que chova.
- Porquê?
- Para o poder abrigar novamente.
- A menina gostou assim tanto de ter feito de criada?
- Deus recompensa.
- Se a Florbela quiser escrever-me para dar notícias...
- Não tenho a morada.
- António Gomes, Seminário de Braga.
- Não me esqueço. E pode contar com uma carta minha.

Separou-os a onda de gente que saía e daí a pouco a igreja ficava deserta. O Toninho dirigiu-se à sacristia, despiu a sobrepeliz e a batina e despejou os bolsos sobre a cómoda dos paramentos. O mesmo fizeram os seus acompanhantes. As gorjetas não eram só para o sr. Seminarista. Demoraram alguns minutos a fazer um molho de notas e a contá-las. Depois o sr. Regueira lembrou o jantar e partiram os quatro.

O jantar foi em casa do sr. Regueira. Lampreia com arroz, no aconchego de uma sala de casa nova. O padre Lopes apareceu por volta das dez da noite. Despediram-se todos e o Toninho partiu.

Dormiria mais uma noite na Estalagem Padre Cruz. E que noite desassossegada aquela, apesar do cansaço que o moía.

Florbela realmente escreveu. Quando o Toninho voltou ao Seminário depois das férias, foi encontrar o sobrescrito na mesa da correspondência. O floreado do envelope não impedia que a forma da letra lhe desse uma aparência tosca. Quis abri-la logo ali no corredor. Arriscava-se à observação dos colegas e dos padres que passavam. Por isso guardou-a no bolso do casaco e foi para o quarto não sem antes cumprimentar um sem número de colegas e trocar impressões com eles acerca da Páscoa e das férias, como mandava a praxe.

No quarto, apesar do ímpeto que o atraía para o envelope no bolso, fez a cama de lavado, arrumou a pouca bagagem, regou as plantas e só depois é que se encostou à janela sobre a cidade para ler.

Fora escrita no dia logo a seguir à visita pascal e mostrava a precipitação da Florbela. A letra e o estilo revelavam alguém pouco letrado. Concerteza, a rapariga trocara o estudo pelo trabalho. Seria uma empregadazita numa fabriqueta de

confeções? Esquecera-se de lhe perguntar. Mas pelo menos não estudava.

A carta denunciava os seus sentimentos. A moça ficara pelo beicinho. E agora que faria o Toninho? Responder-lhe e entrar no jogo não lhe parecia honesto. Tanto mais que ele não podia nem queria ter qualquer relação com uma rapariga. Ainda por cima de tão longe...

Na última noite que passara em Valença, perseguiu-o durante o sono a imagem da moça. Sonhou que se tinham reencontrado uns dias depois e se abraçaram com paixão. Beijaram-se, percorreram-se com carícias, ele enterrara a face naquele cabelo revoltado e macio da cor do fogo. Algumas das noites de férias em casa dos pais sucedeu-lhe o mesmo sonho. E pela manhã acordava com o lençol sujo.

Era o corpo a ceder à natureza naquela Primavera de cheiros e de sol. A rapariga era bonita e simpática. Mexeu-lhe com a libido, descontrolou-lhe o mecanismo de resistência. E Deus não ajudava nada. Parece que nestas ocasiões se punha mais distante, os pobres mortais abandonados a si próprios.

Sim, escrever-lhe-ia. Ver-se-iam quando? Daí a um ano? Talvez, se o Toninho a visse casada ou pendurada a um marmanjo, perdesse o interesse por ela. Mas que era bonita, lá isso... Que pena tinha de que ela fosse para um palerma qualquer! Como as irmãs.

Prometeu a si próprio escrever-lhe na semana próxima. Não sabia era o que lhe haveria de dizer. Para uma rapariga assim qualquer palavra seria comprometedor.

O caso com a Florbela pô-lo a reflectir. Assim, sem mais nem menos, vê-se atraído por uma rapariga de uma aldeia perdida no Alto Minho, bonita, é verdade, mas falha de cultura e de horizontes. Que idade teria? Dezasseis, dezassete?... O problema não residia bem aí, mas nos sentimentos que vinham

ao de cima como o lixo num tanque de água. Todos os seminaristas, ou quase, como homens que eram na flor da idade, tinham uma atracção pelo sexo oposto.

O problema estava no seu afastamento da vida espiritual. Tornavam-se fastidiosos os momentos de coração e não sabia o que dizer a Deus. Confessar que o amava sobre todas as coisas quando estava a pensar nos cabelos em fogo de Florbela parecia-lhe uma heresia. Começava a pensar se realmente queria ser padre, viver a sua vida sozinho numa casa paroquial grande e fria, sem o sorriso e o calor de uma mulher, as correrias e o encanto das crianças.

Passada a semana, arranjou um postal com a fotografia do papa. Tentou ser lacónico no que escreveu nas costas do postal, limitando-se a agradecer a carta e a trocar cumprimentos. E fechou tudo num envelope branco. Duvidou se haveria de pôr no sobrescrito o nome e a morada. Talvez os familiares da Florbela desconfiassem mais se os não pusesse.

Ela voltou a responder-lhe e, dessa vez, incluiu um postal com dois namorados de mãos dadas ao sol-pôr com uma frase a falar de amor eterno. Era demasiado e o coração do Toninho cedeu.

XIX

Alguns dias depois da festa do colégio de Santa Rita, o Rocha, ao sair para a cidade, encontrou à entrada do Seminário a Guidinha. Queria entregar-lhe um presente e uma carta da Nancy. Ela tinha-a visitado e, antes de partir de novo com os pais, pedira-lhe encarecidamente que entregasse aquilo em mão. Ele ficou um pouco espantado, mas viu-se obrigado a aceitar.

No quarto, abriu o embrulhinho do presente e descobriu

uma caixinha preta. Resguardava um isqueiro dourado sem gás. Do paninho de veludo vermelho onde assentava evolava-se um perfume doce e intenso. «Pensou que eu fumava.» Rasgou o sobrescrito e, em vez de carta, encontrou um postal com um pôr-do-sol e uma frase a propósito. Por detrás leu:

Meu querido Alberto:

Viver é triste, mas parar de sorrir nunca! O mundo está cheio de coisas belas que podemos amar. Fiquei feliz por te ter conhecido. Os amigos são o melhor que Deus nos dá. Tu és um amigo que Deus me deu num dia sem sol, embora o sol iluminasse lá fora. Agradeço-te imenso por me teres apoiado num momento em que eu me sentia só e desesperada. Ofereço-te este isqueiro como prova do carinho e amizade que sinto por ti. Porque lhe queria muito é que to ofereço. Dizem que era de meu pai. Espero que aceites isto com muito amor. Tem esperança, talvez nos encontremos um dia. Um grande beijo daquela que não te esquecerá nunca.

Nancy

E agora, que faria? Deixava as coisas assim? Escrevia-lhe a agradecer o presente? Aspirou o perfume do veludo da caixa do isqueiro e encostou-se à cadeira. Pela memória percorreu aquele corpo de menina ainda tenra, mas já com todas as formas bem delineadas. Só tinha catorze anos. E ele tinha vinte. Não seria um disparate apressar uma relação nestas condições? Deixasse-a amadurar mais uns anos e depois contactava-a. Mas talvez fosse demasiado tarde. Quem sabe ela na terra não engraçaria com um rapazito? Porque, pelo pouco que viu, era uma rapariga sentimental, talvez em

demasia. E com aquele rostinho e aquela figura teria um enxame à sua volta. Decidiu então escrever-lhe uma pequena carta, primeiro a agradecer o presente que não merecia, e depois a colocar-se à disposição como amigo.

E foi para casa passar uns dias antes do próximo exame. Quando voltou, o reitor mandou imediatamente chamá-lo.

– Sim, sr. reitor – disse entrando no gabinete.

– Meu caro Rocha. Andou durante toda esta semana a telefonar cá para o Seminário uma menina. Chegou a ligar três vezes por dia. Perguntava por ti, mas, como não estavas, insistia mais tarde. O telefonista, já farto, veio dizer-me e eu atendi a última chamada. Perguntei-lhe o que desejava. Que era só contigo que queria falar. Perguntei-lhe se tinha morrido alguém ou tinha havido algum acidente. Disse-me que não. Que era apenas uma amiga e se eu sabia como podia contactar-te.

O Rocha pôs-se branco. Aquela Nancy era mesmo levantada! Então telefonar para o Seminário e, ainda por cima, falar com o reitor! Este continuou:

– Informei-a de que não sabia onde estavas e aconselhei-a a não voltar a ligar. Agora gostaria de saber que história é esta. Tanto pode ser uma coisa sem importância como pode ser algo de grave. E eu não quero que o Seminário que dirijo seja um posto de recadinhos de amor por telefone.

Calou-se e olhou o seminarista de um modo frontal, como o jogador pronto a chutar a bola à baliza do guarda-redes. O Rocha tartamudeou, não sabia o que dizer.

– Sr. reitor, eu... eu não sei de nada. A rapariga disse como se chamava?

Ainda tinha uma esperança de se safar daquilo mostrando ignorância do facto.

– Nancy de Bastos – respondeu o padre. – Tive o cuidado

de telefonar para dois colégios da cidade a perguntar se haveria lá alguma rapariga com esse nome. Do colégio de Santa Rita a madre superiora disse-me que tiveram até há pouco tempo uma menina com esse nome, mas que, de momento, estava em casa dos pais. Ora, o sr. Rocha e o sr. António foram há cerca de quinze dias a uma festa a esse colégio. Com o meu consentimento, é claro. O que eu gostaria de saber é que relação existe entre si e essa tal Nancy de Bastos.

– Nenhuma – disse o Rocha. – Nenhuma, sr. reitor. Havia lá muitas raparigas, conversei com algumas, mas não houve mais nada do que isso. Agora se uma se lembra de andar a incomodar o Seminário com telefonemas a perguntar por mim, penso que a culpa não é minha.

– Caro Rocha, não se faça de ingénuo. Já lidei com muitas situações semelhantes. Pode mesmo dizer-se que sou calejado nestes casos de meninas de colégio que se relacionam com seminaristas. Se ela telefona para aqui à sua procura é porque a tal conversa não foi tão inocente como isso.

– Juro, sr. reitor...

– Olhe, caro Alberto Rocha, estive a conversar com a madre superiora e depois com uma tal irmã Miquelina, responsável pelo grupo das estudantes. Fiquei a saber que, durante a festa, os dois seminaristas, que eu autorizei a ir ao colégio em colaboração pastoral, se comportaram de uma forma pouco exemplar. Até o bispo teria dado conta, o que é de sobremaneira grave. Penitencio-me disso, já que fui eu a autorizar a vossa ida. As irmãs disseram-me que vocês não saíram de ao pé das raparigas e que até, já a festa tinha terminado, insistiram em ficar até anoitecer a cantar e a tocar canções que não seriam muito próprias dentro dos muros de um colégio religioso. As irmãs decidiram não aceitar mais a tal Nancy no colégio e tomarão medidas para evitar futuras

complicações. Por mim, disse-lhes que, perante este caso, não poderia consentir em mais colaborações nas festas ou noutras actividades que possam solicitar-me.

O Rocha ali estava, meio vencido, entre a culpa que talvez não tinha e o medo do juiz que o censurava e em breve ditaria a sentença. Num acto súbito de coragem, levantou a cabeça e exclamou:

– Sr. reitor, tudo isso que me conta acho-o de péssimo nível. Em primeiro lugar, não lhe dou autoridade para vir com acusações.

– O quê?! Não estou a entender! – interrompeu-o abismado.

– É muito fácil de entender. Você não é mais o meu superior. Despeço-me. Use a autoridade com aqueles que não têm coragem para dizer não. Para mim basta. Com licença.

Abriu a porta e saiu.

O Rocha teve de abandonar o Seminário. Perante o que disse ao reitor, não podia ficar mais dentro daquelas paredes. Fez as malas, apanhou a camioneta e voltou à terra, os livros de teologia às costas. Levava-os porque lhe tinham custado um dinheirão e talvez lhe servissem um dia para consulta e satisfação da curiosidade sobre as coisas do espírito. Entrou para uma universidade e esperava o sorriso do futuro. Encontrou o sol na rua, viu um horizonte maior do que sonhara. As sombras não existiriam se a luz brilhasse. A menina alta e doce encontrou-a, mas perdeu-a em seguida porque não soube jogar com os deuses.

Enquanto o Rocha se refugiava nos livros e se esforçava por fazer o curso, a Nancy fazia sucesso entre os rapazes mais velhos da escola para onde fora estudar depois da saída do colégio. Um rapazola finalista caiu-lhe nas boas graças e, por

artes de Cupido, foi tão intenso o fragor da Primavera daquele ano que a Nancy conseguiu engravidar e, cheia de vergonha, deixou de escrever ao Rocha. Este, por volta de Junho, tendo encontrado a Guidinha na rua, ficou a saber que a sua apaixonada casaria em breve por ter engravidado de um colega de escola.

Poucos dias depois de o Rocha se ter despedido do reitor, o Toninho fazia o mesmo. O reitor ainda quis saber a razão, mas ele limitou-se a encolher os ombros e a pedir licença para se retirar. Entrou para uma universidade longe de Braga, ficando cada vez mais longe da Florbela, a rapariga de cabelo dourado que conhecera na visita pascal. Embora se mantivesse inalterável o desejo de a rever e de a abraçar, nunca mais voltou a abrigar-se no seu guarda-chuva.

PARTE III

XX

– Temos de estar em São Bento às onze horas – berrou o Rubro para os que se espreguiçavam na manhã ensolarada. – Cordeiro, fora da tenda!

– Só mais um bocadinho... – pediu ele bocejando embrulhado num cobertor.

Mas lá se levantou. Ingerido o pequeno-almoço e a cara lavada, abandonaram o Boco subindo ao Mira-Rio. Atrás ficou o Rocha e o Toninho que foram à casa paroquial buscar vinte garrafas de verde oferecidas pelo padre da Caniçada. Levaram-nas ao Boco de carro, deixaram duas na mala e juntaram-se aos outros no café.

– Vão quatro agora e depois vens apanhar os restantes mais as sardinhas – explicou o Rubro ao Rocha.

– Certo. Entrem. E não me batam com as portas! – pediu metendo a chave na ignição.

– Sandra, não queres vir? – perguntou o Louro à miúda estacada na porta do café enquanto se enfiava entre os acentos traseiros.

– Não posso. Tenho que trabalhar. Mas gostaria muito.

– Enquanto o Rocha não volta para nos apanhar, fazemos-lhe companhia, Louro. Não te preocupes – gracejou o Barbosa que ficava com o Rubro, o Lula e as sardinhas. Sardinhas vindas da Póvoa nessa mesma manhã por intermédio do pai do Miguel.

A esplanada envolvente da ermida de São Bento, airosa de verde e de sol, burburinhava às dez da manhã. Era o período das festas em honra do santo e todos os dias arrimavam turistas curiosos e peregrinos devotos, uns ávidos de vista e frescura, outros do chorudo milagre que os livrasse dos bicos de papagaio.

Os nossos amigos, porém, nem foram à cata de milagres (se o fizessem seria para curarem o coração) e muito menos de frescura, que essa tinham-na no Boco em abundância. Marcaram uma missa às onze na igreja convidando o padre Mário, antigo director espiritual do Seminário e grande amigo, a presidir. Ia de Braga para os visitar.

Mas eram já onze e meia e o padre Mário não chegava. O padre Matos, reitor da ermida, na sacristia com o Rubro e o padre Emílio (outro convidado para a sardinhada) impacientava-se bufando de mãos atrás das costas.

– Deve ter-lhe acontecido alguma coisa – arriscou o padre Emílio.

– Esperemos que não – acrescentou o Rubro. – As estradas até cá não são as melhores e o padre Mário gosta de carregar no acelerador. Disse-me que sairia de Braga às dez indo apanhar o Carlitos.

– Vocês desculpem – interrompeu o reitor com grande e visível preocupação. – Mas alguém terá de celebrar a missa. A igreja está cheia e as pessoas fartas de esperar. Ora, não convém nada que isso se arraste por muito mais tempo. Só desacredita a imagem da Confraria e perturba a dinâmica do culto. Pedia então encarecidamente ao padre Emílio que celebrasse e, quando o padre Mário chegar, celebra ele a do meio dia. Está bem?

– Está – concordou o outro.

– Não necessita de homilia. Corridinha é quanto basta.

Quanto a vocês, podiam cantar qualquer coisa para animar a assembleia.

– Vou avisar o Toninho e o Rocha. Eles estão no órgão – disse o Rubro saindo para o corpo da igreja.

A missa teve início com a malta a cantar e o Toninho a fornecer os acordes ressonantes às melodias celestiais. Ajudava-os o povo, vivo e cheio de cor naquela manhã brilhante, com o padre Emílio à frente de cabelo loiro e olhar azul.

O padre Mário chegara entretanto, são e salvo. A missa havia terminado e era quase meio-dia. Na esplanada, com todos a rodearem o carro, explicava que não podia ter aparecido mais cedo porque perdera três quartos de hora no mercado à espera das sardinhas da Póvoa. «Que estafa, meus filhos!»

– À espera das sardinhas da Póvoa?! Não nos diga que também comprou sardinhas! – perguntou o Rubro espalhafatoso.

– Pois comprei. O Daniel telefonou-me ontem a dizer que vocês não tinham arranjado nada. Então resolvi ir ao mercado. Comprei duzentas.

– Duzentas?! Valha-nos Deus! Mas nós também comprámos duzentas, padre Mário.

– Vocês também compraram duzentas?! Santa Mãe! Que se vai fazer agora a tanta sardinha?

– Pensamos nisso depois – interrompeu o Rocha. – Como é, o padre Mário celebra missa para nós? É que o padre Emílio acaba de celebrar uma.

– Bem, foram todos à missa?

– Todos.

– Então acho que não vale a pena maçar-vos com outra.

– Está decidido – cacarejou o Lula que faltara à missa anterior para trocar umas impressões sobre a paisagem com

uma turista que conhecera à entrada da igreja.

– Só há um problema. O reitor quer que o padre Mário celebre a do meio-dia.

– Que aborrecimento!

– Vou dizer-lhe que o padre Mário não pode celebrar – exclamou o Rubro correndo à sacristia.

E desceram todos para o largo da igreja paroquial de Rio Caldo deixando o reitor a celebrar contra vontade a missa do meio-dia.

XXI

Num fogo a carvão saído do fogareiro de churrasco emprestado pelo padre Armindo, benfeitor do acampamento, tostavam as sardinhas trazidas pelo padre Mário. Em tronco nu e a soar forte, rodeavam-nas o Toninho avivando o fogo com uma placa de esferovite, o Louro de travessa na mão pronto a receber o petisco e o Barbosa de espeto virando e revirando a peixada.

Um pouco ao lado, na cozinha improvisada do salão paroquial, cinco raparigas confeccionavam o caldo verde, umas cortando couves, outras descascando batatas. Ouviam atentas aqueles que exercitavam a garganta no canto sentados à porta da igreja. Eram o Rubro, o padre Emílio, o Lula e o Rocha. O Cordeiro andava com a câmara fotográfica de dentro para fora e de fora para dentro. Quando o viam assim a vaguear, já sabiam qual era o rato: meter conversa com a mulherada. E lá estava ele, na cozinha, a provar o chouriço para o caldo verde trauteando conversa com a Anabela toda corada a cortar couves.

O Carlitos, isolado nas escadas de acesso ao salão, dormia. Os colegas sentiram de imediato a sua indiferença.

Estava ali a fazer o frete ao padre Mário. Como não cumprimentasse ninguém ao chegar a São Bento, também ninguém lhe falou e ignoraram-no. A Maria João, que ajudava as outras moças na feitura do caldo verde, mal o viu a sair do carro, foi, de coração aos pulos e avental à volta da cintura para não sujar o vestido decotado, dizer-lhe olá. Mas, apercebendo-se da pouca vontade que ele tinha de lhe retribuir a atenção, não quis insistir e afastou-se um pouco desiludida. O Almerindo chegaria em breve com o padre Matos e ela tinha de ser discreta. Mais valia um pássaro na mão que dois a voar.

O reitor de São Bento chegara, após a missa das doze. Acompanhavam-no dois garrafões de vinho, o Almerindo e três chouriços.

– Almerindo, pega em dois destes cantores e leva-os contigo. Trazei as mesas do salão e cadeiras que cheguem para todos cá para o largo. Vamos comer à sombra da igreja. A Teresa e a Maria vêm comigo a casa buscar copos e pratos. Garfos não é preciso. Come-se à unha. Traremos as colheres para a sopa.

A primeira travessa de sardinhas, cheirosas e regadas com molho de azeite, salsa e cebola picada, fora exposta pelo Louro aos gulosos olhares dos jograis. O pão de milho partido em bocados colocara-o a Anabela muito delicadamente junto das sardinhas, despertando o apetite do Cordeiro, mais do que aos outros, por tão provocante pitéu.

– Ei, pessoal! Vamos para a mesa – chamou o reitor já de unhas besuntadas com a gordura de uma sardinha.

Foram-se sentando enquanto as travessas eram colocadas sucessivamente à sua frente, uma pelas moças, outras pelos encarregados do churrasco. Comia-se, falava-se e humedecia-se a conversa com o vinho do Almerindo a esvaír-se dos garrafões em grandes tragos. Lembrou-se o Rocha, quando

todos riam das palermices do Lula, que deixara ficar no carro duas garrafas oferecidas pelo padre da Caniçada na manhã daquele dia. Pedindo licença à Catarina, sua vizinha da esquerda, levantou-se e dirigiu-se à viatura. Lá estavam elas, debaixo do acento traseiro. Ao voltar para a mesa, houve gritos e vivas ao Rocha abraçado às duas botelhas.

– Deita aqui – exigiu o Rubro de olhar encarnado.

– Deixa o homem desarrolhar a garrafa primeiro – censurou o padre Mário, que só bebia vinho de missa, fora isso era água, acrescentando-lhe uma palmadinha forte nas faces carmesins.

– Tem de chegar para todos – recomendou o Rocha entregando-as ao padre Emílio com o saca-rolhas entre os dedos.

– Nós não gostamos. Podem beber tudo – acrescentou a Simone roendo de mansinho um pedaço de broa.

– Cala-te! – advertiu a mais velha – Não gostas tu, mas gosto eu! Cada uma fala por si.

Quando já todos arrotavam e abarrotavam de sardinhas, e ainda as travessas iam a meio no seu conteúdo, o padre Emílio sugeriu que cada um se apresentasse ao grupo. E que aconteceu? Cada apresentação era uma risota esgalhofada.

– Que vamos fazer durante o resto da tarde? – interrogou o Cordeiro após as apresentações fazendo olhinhos à Anabela.

– Convidamos todo a gente a ir ao Boco ver o acampamento e dar um mergulho – exclamou solenemente e de pés flexíveis o Rubro.

E partiram, depois de arrumarem a loiça, as mesas, as cadeiras e os restos. Assaram-se duzentas sardinhas, sobraram cem. Caíram na pia dos cães e dos gatos num raio de trezentos metros. E também eles fizeram um grande festim. As duzentas que o pai do Miguel arranjava não se assaram. Ofereceram-

nas no dia seguinte à mercearia do Mira-Rio.

Quem não partiu? O reitor, que tinha de estar na ermida para as confissões e tratar dos dinheiros das esmolas, e duas moças, as mais velhas, a Teresa e a Maria, pois esperavam-nas em casa outros afazeres. Não foram elas que distribuíram a sardinhada restante pelos felinos e canídeos da zona?

XXII

Quando os nossos amigos abandonaram a ideia de se entregarem totalmente à igreja, o padre Mário era o seu director espiritual. Director da comunidade jesuíta da cidade, tinha, além disso, um cargo importante dentro do paço arquiépiscopal. Era vigário do bispo. Porém, o seu trabalho nem por todos era visto com bons olhos. Por um lado, as vozes da reacção, do tradicionalismo, sempre a puxarem para trás acusando-o de demasiada intimidade e liberalidade para com os estudantes; por outro, as vozes do progresso, com a acusação de piegas e retrógrado.

E o padre Mário ia cumprindo o seu múnus numa santa e recatada paz de consciência ignorando a arruaça de seus émulos, mais invejosos do cargo do que realmente interessados no bem da Igreja. Os seminaristas aceitavam-no, o bispo também, era isso que importava. Nada mais o poderia preocupar senão o zelo pelo seu rebanho, tarefa árdua nos tempos que corriam.

Os nossos amigos optaram então por sair do Seminário e concretizar uma nova vida. Nesse mesmo ano deixou também o padre Mário o seu múnus apostólico ao serviço da juventude sacerdotal. Não foi, porém, de sua livre vontade. Foi antes por ordem do bispo. E que aconteceu para ser exonerado? Que razões terão levado o prelado a agir assim?

Houve, naquela altura, decisões tomadas pelo reitor com que o padre Mário não concordava. Criou-se entre ambos um atrito que dia após dia se agravava. E a este atrito juntaram-se umas tantas acusações feitas por dois alunos, pupilos espirituais do jesuíta: que adulava os seminaristas com dinheiro, recrutava-os para a Companhia e aconselhava até alguns a abandonarem a santa casa. Ora, o reitor do Seminário, como há muito quisesse livrar-se dele, comunicou ao bispo os pretensos delitos exagerando os seus receios. Não demorou muito a sentença: o padre Mário deixava de ser o director espiritual dos alunos de Teologia.

Que aconteceu depois? Nomearam outro director espiritual que passava as horas no ócio, pois a grande maioria dos alunos continuava a aconselhar-se na candonga ao velho amigo. E os ex-seminaristas também o faziam, ligando-os não só uma antiga amizade, mas também um sentido solidário, que é de certo modo contra a padralhada do Seminário. Ambos saíram, ambos frequentaram as autoridades eclesiásticas na coragem e na perseverança, porque acreditavam que a Igreja haveria de mudar um dia e seria fonte de amor e não fonte de discórdia.

XXIII

Três carros passavam a ponte sobre o Cávado e subiam em direcção à Caniçada para depois descerem ao Boco. Eram o *Opel* do padre Mário, o *Toyota* do padre Emílio e a *Renault* do Rocha, todos a abarrotar de juventude.

Ensonados pelo calor estival e pela temperatura do vinho verde misturado às sardinhas, espapaçaram-se na pequena praia de erva junto às tendas a olhar o rio e a lançarem piropos uns aos outros. O almoço fora pesadote, ninguém tinha coragem

para cortar a limpidez das águas que escondiam aldeias inteiras sob os seus reflexos. Preferiam espalhar-se na relva sentindo o sol abrasador perfurar a pele numa carícia e o cheiro feminino a entrar-lhes suave com as falas meigas e os gritinhos agudos a seu lado. Sim, O Boco era realmente o paraíso que imaginaram para as férias.

O Carlitos, afastado do grupo, deitara-se sobre a erva e parecia adormecido. Pensava no que viera ali fazer. Estava tão bem em Braga... Dormiria até tarde, como o costume, um almoço calmo e saboroso (detestava sardinhas), sem aquelas caretas a olharem-no recriminatórias. Depois sairia para a piscina a encontrar-se com uma miúda que conhecera dias antes. Tinha umas ideias fixas e era bem feita de corpo. Quem sabe onde aquilo iria parar? Vai o padre Mário acordá-lo às oito da manhã para vir a esta mixórdia. Se ao menos as miúdas fossem de jeito... Mas não havia uma sequer que lhe agradasse. A João é o que se vê. Andava atrás dele como uma tolinha. Claro, pôs-se a tentar e um homem não é de pau. Deu para torto, pois o Rubro não gostou nada que ele a tivesse levado para o apartamento. Mas que raio! Para onde haveria de a levar? Ao menos consolou-se. O Rubro não gostou, pô-lo fora do apartamento? Que fosse para o diabo, não precisava do apartamento para nada. O problema é que teve de ir para a casa do tio em Braga, um homem severo, aliás como seu pai, presidente da Junta de Freguesia. Havia que ter cuidado, nada de aventuras arriscadas, pois estava sujeito a ficar na rua de um pé para a mão. E isso não lhe convinha nas férias. Arranjou um trabalhinho lá por Braga, seria aborrecido ter de o abandonar por falta de alojamento. «Lá está a João com aquele tipo, o namorado. Pensa que me faz ciúmes. Como as mulheres são ridículas! Agora segreda-lhe não sei o quê ao ouvido e trinca-lhe a orelha. De vez em quando, a parva, olha para aqui

a ver a minha reacção. E eu nas tintas.»

– Padre Emílio, um mergulho, não vai? – perguntou o Lula levantando-se da modorra e preparando-se para lançar-se à água.

– Não, não. Mergulha tu.

– Venha daí – insistiu o outro.

– Esqueci-me de trazer os calções. Não vou de calças.

– Eu empresto-lhe uns. Tenho dois pares – ofereceu solícito o Rubro.

– São capazes de não me servir...

– Está é com medo.

Riram-se todos, já refeitos da pançada do almoço. O padre Emílio temia deveras as superfícies líquidas. E não lhe agradava nada ficar envergonhado ali diante das miúdas. Se dissesse que não sabia nadar ou que tinha medo, a sua imagem decairia muito. Coisa séria, que diabo! Não podia dar parte de fraco. Veio o padre Mário salvar o embaraço.

– Está na hora de partir. Ainda vou celebrar missa a Braga. Carlitos, vamos embora. Lamento interromper o vosso convívio, mas não podemos ficar mais tempo. Estive até agora a conversar com o Louro, a saber o que se tem passado por aqui. Portem-se melhor do que o têm feito.

– Então boa viagem – disse o padre Emílio muito cortês.

– Toma bem conta desta rapaziada e depois leva as miúdas a casa quando voltares à paróquia. Fica-te em caminho – aconselhou o jesuíta.

O Toninho e o Lula saltaram para a água já o *Opel* havia arrancado em direcção a Braga. O Louro foi o terceiro a ganhar coragem. Rugiu a água sob o seu ventre, uma barrigada monumental que despertou os que ainda espreguiçavam na margem. Restou o Barbosa em terra a olhar duas das miúdas a chapinhar de pés molhados enquanto conversava de futebol

com o padre Emílio, o Rubro a tirar algumas fotografias no intervalo das imersões, o Rocha a ressonar sobre a toalha e o Cordeiro junto à Anabela a contar-lhe uma história da carochinha. Faltava a João e o Almerindo, que desapareceram sem ninguém dar conta entre as carvalheiras próximas.

A tarde finava-se pouco a pouco, as meninas de Rio Caldo partiam com a promessa de um encontro no dia seguinte, o padre Emílio cumprimentava enérgico um a um e entrava sorridente no *Toyota* onde o Almerindo, de olhar ausente e satisfeito, se tinha já instalado com a João.

– Amanhã às quinze, em frente da Casa do Povo – lembrou a Simone ao Rubro.

– Lá estaremos.

O carro abalou.

XXIV

A João voltara a não dormir bem. O Almerindo, debaixo dos carvalhos junto ao rio, tinha-lhe pedido a mão em casamento e até lhe oferecera um anel de noivado. Teve de aceitar o presente e metê-lo no dedo. Não estaria afinal condenada a viver com um engenheirozito ignorante e demasiado convencional? O Carlitos, durante o convívio, teve a desfeita de lhe não ligar importância nenhuma, esquecido das tardes de amor e das palavras bonitas que lhe assoprara ao ouvido enquanto ela se entregava. Que faria da sua vida? Era tão desesperante amar alguém que nos ignora!

Foi ao almoço do dia seguinte que os campistas combinaram as actividades dos próximos dias. A Vânia convidara-os a ir ao seu aniversário na praia de Apúlia, isto é, teriam de andar cerca de cem quilómetros para cada lado

enlatados como sardinhas no automóvel do Rocha. As condições eram reduzidas, o que entristecia os mais directos interessados nessa empresa. Primeiro o Rubro, ansioso por voltar a vê-la, mesmo depois do não que ela lhe dera; depois o Louro e o Rocha, na mira de umas amigas da Vânia que lá estariam na certa.

Todavia, estavam decididos a ir, fosse quais fossem as contrariedades. Haviam combinado isso antes do acampamento e seria aborrecido não aparecer. Afinal de contas a Vânia esperava-os com mesa posta e garrafão encetado. Mas fazerem uma viagem dessa envergadura uns em cima dos outros não cativava ninguém. Resolveram tal empecilho quando o padre da Caniçada, tomando café no Mira-Rio após o almoço, se ofereceu para levar metade da malta no seu carro. Necessitava de ir a Viana na sexta-feira, poderiam aproveitar a boleia.

Louça lavada, tendas abertas de par em par, cobertores estendidos no mato a insuflarem ar puro, desceram à pequena praia e estenderam-se pensativos na erva. O Barbosa e o Toninho teriam de partir impreterivelmente no dia seguinte. Ao primeiro esperava-o a trabalhadeira de aturar meia dúzia de rapazes num orfanato onde era monitor. O segundo tinha de se juntar à família que veraneava na Póvoa de Varzim. Porém, com a partida destes, temia-se que o acampamento voltasse aos dois primeiros dias, todo cheio de quezílias, confusões.

O Rocha não desceu ao rio. Ficara entretido a ler, sentado perto das tendas, as aventuras de Dom Quixote com o rádio a vomitar música agitada que fazia com que suas as pernas baloiçassem distraídas. Uma hora passou molenga e quente. Fartos da inércia que inundava o lugar, o Lula e o Cordeiro lançaram-se às águas com o Toninho e o Louro a seguirem-nos. O Rubro mergulhou depois, desastrado, a correr logo para

a margem, não fosse a água traiçoeira engoli-lo. O Barbosa continuou deitado a apreciar as brincadeiras aquáticas dos companheiros.

– Ei, Barbosa, não queres experimentar? – interrogou o Toninho como que a fazer um convite.

– Não, obrigado. De certeza que me afogaria.

– Não te afogas nada. Nós estamos aqui. Se acontecer alguma coisa, tiramos-te para fora – rematou o Louro todo forte.

– É melhor não.

– Assim é que nunca aprenderás a nadar. Deixa o medo e atira-te – insistiu o Toninho.

– Está bem. Mas preparai-vos para me apanhar depois.

Ergueu-se, coçou a barba negra, puxou os calções para o umbigo e chegou-se à margem. Meteu, como quem não gosta, um dedo do pé na água, olhou para o fundo sem fundo, respirou em cheio e mergulhou num gesto deveras elegante.

– Muito bem – exclamaram.

O Barbosa penetrou nas profundezas fluviais de olhos abertos e nunca sentira uma sensação tão agradável como aquela. Desceu dois metros, voltou à tona da água e viu que a sensação se modificara. Tornou-se dolorosa, invadindo-o um desespero terrível. Não conseguia suster-se à tona, retomava o fundo, voltava a cima, engolia água, aumentava o ritmo cardíaco, o ar faltava-lhe. Os outros, preocupados, dirigiram-se para ele em grandes braçadas e cada um tentou agarrá-lo como podia. Era impossível segurarem-no. No seu desespero, puxava-os para o fundo também. O Rocha correu aos gritos dos outros e pôs-se muito estacado na margem a ver o que sucedia sem uma ideia, um gesto que pudesse salvar a situação.

– Atira-me essa toalha, palerma! – gritou esganifado o Toninho.

E o Rocha lançou-lhe a toalha ficando com uma das pontas na mão, pronto a puxar. O Barbosa, já roxo, agarrou a outra ponta que lhe ofereciam e, com a ajuda de uns e a força do Rocha, encalhou na terra firme. Um grande alívio chegou ao coração de cada um quando o Lula, especialista nestas situações, pois escuteiro, lhe carregou na caixa torácica, fazendo-o expelir água espumosa em sucessivos gargalejos e lhe restituiu a alma.

– Barbosa, que susto, ah? – murmurou o Lula dando-lhe umas palmadinhas na barba encharcada.

– Estava a ver que íamos todos – comentava o Rubro deitado na erva a bufar de cansaço e de pasmo.

– E o palerma do Rocha a olhar, como uma vaca para um comboio! – regougou o Louro saindo da água com o vermelhão excitado do rosto.

XXV

O relógio do Toninho marcava catorze e trinta quando, dentro da *Renault*, partiu com o Rocha para o Rio Caldo. Os restantes meteram-se no Mira-Rio, uns a conversar com o padre da Caniçada, outros a gracejar com a Sandra, a simpática menina do bar.

Estacionando junto à Casa do Povo de Rio Caldo, esperaram aí a chegada das três miúdas, a Anabela, a Simone e a Catarina, como haviam combinado no dia da sardinhada. A demora prolongava-se e o Rocha perdia a paciência arrefecida pelo paciente Toninho. Para minimizar o desconforto da espera, este lembrou-se de treinar umas manobras com o carro. Ia começar a tirar a carta e era bom saber já umas coisinhas. Contrariado, pois não gostava que ninguém lhe pegasse na viatura, o Rocha acedeu à ideia e

mudou para o assento do lado direito. Meia dúzia de explicações e estava o Toninho a dar à chave e a enfiar a primeira com um arranque suave pela berma.

– Trava-me essa porra! – ordenava o Rocha com receio das possíveis consequências.

– Mas estava a ir bem...

– Estavas a ir bem contra aquela parede! Põe no ponto de embraiagem e desliga o motor. Vou dar uma mija ali aos arbustos.

– Vai lá, que eu espero aqui.

O outro foi e apareceram as miúdas na curva da estrada.

– Ei, Rocha, estão a chegar.

– Deixa-me dar a mija sossegado.

E continuou regando os arbustos a olhar o céu cinzento. Choveria naquela noite e talvez na manhã seguinte. Haveria que fazer um sulco à volta das tendas. Caso contrário, teriam água nos cobertores. E o Rocha, que detestava sentir os pés molhados.

– Esperaram muito? – perguntou a Simone aproximando-se do carro com as outras.

– Não. Chegámos mesmo agora – respondeu o Toninho saindo do carro. – Os outros não vieram, pois não cabiam todos. Esperam na Caniçada.

Os beijos soaram entre as meninas e o Toninho enquanto o Rocha se acercava apertando a braguilha sem qualquer pejo. Beijou também as raparigas, limpando uma pinga de urina às calças. Comentaram o tempo e entraram todos para a Casa do Povo, pois a Catarina precisava de meter uns papéis relativos à invalidez da avó na secretaria. Passado esse trâmite, que durou quinze minutos e fez o Rocha revirar os jornais da semana com o Toninho a coçar a barba que não tinha de cotovelos fincados no balcão de atendimento, desceram para

o carro e arrancaram para a Caniçada.

Enorme algazarra abalou o café quando surgiram portas adentro. Saltaram da cadeira o Lula e o Cordeiro aguados pelo petisco que chegava tão fofo e formoso. A Sandra é que não gostou nada das novas caras. Embatucou ciumenta vendo que já não lhe davam atenção: «Preferem divertir-se a gargalhar com aquelas peneirentas! Se soubessem quem elas são... E agora põem-se a jogar as cartas! Até lhe lamberam a cara, àquelas porcas. Um beijinho, para mim, um beijinho para ti! E o Rocha mais o Louro no meio delas também, a sorrir como se nunca tivessem visto mulheres. Os homens são todos iguais. Mas tem-te, não caias. Eles hão-de fartar-se das pandorcas. Vou ligar a televisão e metade deles foge já para aqui».

Assim o pensou, assim aconteceu. Porém, não tanto como desejara. É verdade que cinco dos campistas se afastaram da mesa das cartas e se acoraram ao balcão de olhar fito na TV. Porém, levaram com eles a Anabela. O regabofe foi maior e os ciúmes da pobre Sandra aumentaram. Tinha de enfrentar, rija, aquela basbaque, centro das atenções dos que tinha em exclusivo por amigos seus.

Na mesa ao centro, jogavam à sueca animados o Rubro, o Rocha, a Catarina e a Simone. Entre a batida das cartas e o intervalo dos jogos ganhos sempre pelo par Rubro / Simone, comentava-se o dia anterior e o que fariam nas jornadas próximas.

– Amanhã à noite, quando voltarem da praia, podiam passar na minha casa. É dia de cozer o pão, ofereço-vos uma broa – disse a Simone deitando às de paus na mesa que seria cortado pela Catarina com um terno de trunfo.

– Fala-se com os outros. Amanhã estaremos só cinco. O Toninho e o Barbosa vão-se embora. Assim caberemos todos no carro e podemos aparecer na tua casa – considerou o Rubro,

que acabava de comer a bisca de ouros ao Rocha.

Os ponteiros do relógio do Toninho marcavam dezoito horas e dez quando as miúdas, despedindo-se sob o olhar rancoroso da Sandra à porta do café, partiram na *Renault* escoltadas pelo Rocha e pelo Cordeiro.

A Sandra respirou fundo e a cor jovial e engraçada voltou às suas faces morenas. Não lhe convinha nada perder a amizade daqueles rapazes. Sabia-se lá, podia acontecer alguma coisa bonita. O Rocha e o Louro não lhe tiravam os olhos de cima. É porque estavam interessados. À noite haveria novamente futebol, segundo combinaram com o Miguel. Uma boa altura para docemente atacar. O Rocha ou o Louro? O que estivesse mais a jeito.

XXVI

Enquanto o Rocha levava com o Cordeiro as visitantes a Rio Caldo, os que ficaram meteram-se caminho abaixo em direcção ao Boco. Convinha jantar cedo, pois o jogo de futebol tinha sido marcado para as vinte e uma e trinta. E os da terra queriam ganhar, para desforra da derrota anterior. Não poderiam admitir que a melhor equipa da zona fosse enxovalhada por meia dúzia de idiotas da cidade.

Os jogadores entraram no campo já a noite tinha invadido a montanha. Do céu caía uma chuva forte, refrescante para aqueles dias de calor abrasador e áspero. Não era motivo que os fizesse desistir do encontro, perder a coragem de se enfrentarem. Outras razões teriam influenciado essa atitude. Desde a bola que não havia até ao campo que não estava iluminado por entretanto ter falhado a energia. Mas tudo se superou e a partida desenrolou-se bem.

O Rocha não jogava nem via o jogo. Abrigado num

recinto coberto ao lado do campo, brincava com dois cachopos filhos de um jogador da equipa da Caniçada, uma menina de três anos e um putito espevitado de quatro. Havia um suplente da equipa. Não era o Louro, era o Toninho enregelado e de braços cruzados no meio da chuva vendo o desenrolar do desafio. E a Sandra, onde estava aquela energia inabalável? Esvaecida na pedra de um abrigo, olhava, ora os mimos do Rocha às crianças, ora os tiros certos do Louro nos passes de grande perigo. A chuva caía sempre. Diabos levassem a chuva, estragar assim os planos de uma pessoa! Se não chovesse, que belo passeio poderia dar com o Rocha! Assim nem coragem tinha para ir ter com ele. Mas que se lixe. Hoje no café também fingiu que não a conhecia. Pôs-se todo falas bonitas com aquelas lambisgóias de Rio Caldo. Que vá ter com elas! De si não levava nada! Agora, o Louro tem sido muito mais simpático. Ainda hoje a olhara várias vezes com uma intensidade anormal, quando as remelentas estavam no café. Ai os olhos dele! Tão azuis... E o cabelo amarelinho, tão sedoso? Um bom par de pernas, bons músculos para chutar a bola. Aquilo é que era um homem! Só tinha um defeito: não sabia dizer aquelas palavras engraçadas do Rocha. O Rocha incomodava-a no pensamento, dava-lhe a volta ao miolo. O Louro punha-a doida noutras coisas. Era mais atrevidote nos gestos, enquanto o outro era nas palavras. Um destes dias enfiara-lhe a mão pelas pernas, o malandro.

Faltavam três dias para partirem. Se todos os santos estivessem consigo, haveria ainda um romance. O Rocha? O Louro? O Rocha era muito esquisito. Tanto estava bem como estava mal. Hoje lembrou-se de não lhe ligar a ela, que tem sido tão simpática para ele. Põe-se a brincar com a canalha. O Louro não é tão meigo. Ora, os homens não precisam de ser meigos. Basta o carinho das mulheres para completar.

Seis golos foram suficientes para arrasar a equipa da casa, mesmo com a chuva nas orelhas e o lamaçal nos pés. Mal soou o apito final, os jogadores meteram-se no pequeno lago de cimento do padre Armindo e aí deixaram a lama e o suor, um da vitória, outro da derrota, a segunda consecutiva. Uma vergonha geral pairou na pouca assistência que foi desconsolada para casa, como a Sandra dos seus amores.

Satisfeitos, alegres, encharcados, os nossos amigos deitaram-se como crianças fatigadas de brincar ao esconde-esconde. Nessa noite todas as línguas repousaram cedo. Não houve comentários, e de perturbações sonoras apenas o ressonar do Louro forte e impiedoso.

XXVII

– Ei, cambada! Vamos a levantar.

Era o Rubro. Uma hora depois e já se encontravam prontos para partir rumo ao mar, três na Renault e os restantes no Peugeot do padre da Caniçada. O dia estava chuvoso, nuvens cinzentas escondiam o céu, o que amedrontava o Rocha na condução. Detestava conduzir em estrada escorregadia. As suas apreensões acerca da possibilidade de a água entrar nas tendas durante a noite não foram em vão. Choveu bem, não se fizeram os sulcos e a água entrara. Nestes pensamentos rodou vagaroso enquanto o padre lhe dava um avanço de dois quilómetros.

Marcaram encontro na Rainha Fofa. Com certeza não se perderiam um do outro. O Rubro pensava levar uma prenda de aniversário para a Vânia. Comprariam um bolo aí. Talvez o Daniel, aquele que lhes faltou com as sardinhas, lhes fizesse um desconto razoável. Precisavam de chegar à praia antes do

meio-dia, o tempo suficiente de comer do que houvesse e repartir a doçaria.

– O Rubro está mesmo apaixonado pela Vânia? – perguntou o Toninho durante a viagem na *Renault* com o Rocha e o Barbosa.

– Até chorou quando recebeu a carta dela a dizer-lhe que só o queria para amigo – retorqui-lhe o Barbosa que de todos era o que estava mais dentro do caso.

– Mas o Rubro vai ansioso...

– Se gosta da miúda!... Também não é assim com duas tretas que se esquece alguém a quem estivemos tão intimamente ligados. E, que diabo, eles são amigos – explicou o Rocha a meter a terceira numa curva.

– Fala a voz da experiência – exclamou o Toninho sentado no banco da frente ao lado do Rocha.

– A minha experiência é tanta como a tua. Também passaste por coisas semelhantes.

– Já passámos todos – interveio o Barbosa.

– Mas o teu caso foi um capricho – acrescentou o Rocha voltado para o Barbosa. – Eu sempre disse que não dava certo. A miúda era uma quequezinha, só gostava de motinhas e discoteca. Claro, tu não lhe deste nada disso, pirou-se.

– Então o Barbosa também andou a fazer das dele...

– Nada de grave. Mais grave é o caso do Rubro – desculpou-se o Barbosa estendendo-se ao comprido no banco de trás.

– Ó Toninho, é melhor pões o cinto de segurança. Não vá aparecer a bófia – recomendou o condutor.

– Tens razão. Queres que te ajude a pôr o teu?

– Ora põe. Não consigo ver onde encaixa a anilha. Estas curvas da estrada desequilibram-me. Estou aqui, estou com o volante na mão e o carro contra um pinheiro.

– Deixa puxá-lo para o meu lado...

Com a confusão gerada por causa do cinto, o Rocha distraiu-se e o carro resvalou na valeta, saiu da estrada e enfiou-se pelo mato dentro, cortando tudo à passagem. Por que diabo não travava o Rocha, antes acelerava ainda mais, era o que os outros se perguntavam assustados com o que estava a suceder. O Rocha descontrolou-se, perdeu a razão e já não sabia se carregava no travão se no acelerador. Subitamente, dá uma guinada à direcção e entra na estrada. Travão a fundo, uma enorme chiadeira e o carro a fazer pirueta no meio da via, mesmo em cima de uma curva. Sinistrados? Nenhum. Amarelos como a lua cheia, saem da carrinha para avaliar os estragos em si e no carro. Tudo bem, só um arranhão no pára-choques da frente, algum mato e muitos fetos embrulhados nas rodas.

– E se furou algum pneu?

– É cedo para ver. Mas daqui a bocado saberemos.

– Não se ouve nada – constatou o Barbosa aproximando o ouvido das rodas.

– Pensei que tinha chegado a minha hora.

– Diabos levem os cintos e mais quem os inventou! Por causa dessas nojentas correias, veríamos ainda hoje a face do padre eterno.

– Estamos vivos, inteiros, o carro anda, isso é que é importante.

– Sigamos. Os outros já devem ter chegado a Braga.

– Não percas a calma e conduz-me direito. Olhos na estrada! Por hoje basta de emoções fortes.

– Tê-las-ás na praia ao veres aquelas beldades.

– A Vânia é boa?

– Come-se. Há melhor, mas tem um encanto interior que cativa. Vais conhecê-la.

E o carro seguiu para o seu destino com os três a rirem da pretensa desgraça que lhes acontecera. Que bom era estar vivo!

O *Peugeot* do padre chegou a Braga numa grande algazarra onde se distinguiam as palavras *bola, golos, ganhámos e fora de jogo*. Deliravam contando ao padre o jogo na noite anterior. Foi de quinze minutos a espera pelos atrasados da pouca sorte diante da pastelaria Rainha Fofa.

XXVIII

A Vânia partira com o tio a buscar uns amigos à Póvoa de Varzim. Eram colegas da escola de enfermagem no Porto e convidara-os também para a festa do seu aniversário. Por isso, quando os rapazes do Boco ancoraram na praia de Apúlia, não a encontraram em casa. Daí a meia-hora comparecia ela com o tio, um tipo desconhecido e um rancho de amigas. Muitos abraços e muitos beijos se trocaram, a alegria invade os peitos. Quem não se conhecia apresentou-se e o padre da Caniçada, sentindo-se a mais entre a juventude, resolveu partir para Viana do Castelo. Não queria incomodar.

E que fez o Rubro perante a Vânia? Sonhara com ela durante a noite, calculou pormenorizadamente o que faria e o que lhe diria. Mas nada fez e pouco disse. Limitou-se ao que os demais fizeram, isto é, um abraço, dois beijinhos e muitos parabéns. No seu interior fervilhavam batalhas de sentimentos e de emoções. A viola é que pagou com as favas. Tocou até lhe romperem os dedos e rebentar o *mi* agudo. Depois havia aquele idiota do Porto, sempre a atirar-se a ela, sem a deixar um minuto sossegada. Que ciúmes o mordiscavam por dentro! Que raiva de cachorro traído sentia no centro do peito pelado! O parrana tivera a ousadia, a desvergonha de oferecer como

prenda de aniversário àquela que para ele era tudo umas calcinhas e um sutiã de renda! Se era uma coisa que se oferecesse à Vânia! Atitude mesmo baixa. Mas no Porto era assim, não tinham um pingo de vergonha. Gajos oportunistas, caçadores de indefesas donzelas... Se ela não estivesse tão longe, nunca lhe teria fugido nem diria não ao seu amor.

O Rubro pensava. Pensava e até sorria ao cantarolar com o Rocha e o Toninho as canções do Paul Simon. E o que pensava a Vânia? Apenas se sentia feliz, nada mais. Uma rapariga deveras original, sem qualquer ponto de referência para possível comparação. Era diferente e foi isso que cativou o Rubro. Dois inexperientes em assuntos de coração. Ele ingénuo, ela ainda mais. O problema era que o pai da Vânia não gostava do Rubro por ele ser preto. E o Rubro nem era preto. Timorense de origem, um português como uns outros, talvez um pouco mais escuro de pele. Mas preto não. E mesmo que o fosse, não via que mal poderia estar nisso. Ora, a Vânia não desejava entrar em conflito com o pai, desagradar-lhe. Renunciou, disse ao Rubro que não gostava tanto dele como pensara. E ele continuou só como antes, a aturar aqueles amigos tresloucados e às vezes insuportáveis.

Como o sol despontasse pelas nuvens, sentaram-se todos na areia da praia a olhar o mar, ora rindo, ora cantando o que lhes viesse ao ouvido. A rapaziada do Boco lá se imiscuía com a mulherada do grupo. Haviam almoçado na casa da aniversariante. Os pais ficaram encantados com as visitas, os irmãos e os tios também. «Gosto da rapaziada», dizia o pai da Vânia ao Louro enquanto rilhava uma coxa de frango churrasco, por lhe parecer ser o que tinha mais juízo. Afinal de contas o Louro sabia dar-se a respeitar. Para os mais velhos tinha a imagem de alguém que pensa na vida. E isso era importante para o pai da Vânia, porque queria ver a filha bem

casada.

Mas ela, se bem que não gostasse de o desagradar, não se regia inteiramente pelos desígnios do pai. Só pensava em acabar o curso de enfermagem e ir para África. Queria dar-se àqueles que precisavam. E achava justo darem-lhe liberdade para o fazer. Contudo, ir para África era tão vago que lhe deixava no espírito uma sensação de angústia. Para todos era sorriso, doação, amizade. Coração grande, cabeça pequena. A Vânia não era muito inteligente. Agia como lhe mandava o coração e isso trazia-lhe confusões. Uma carta mal interpretada e lá vinha um ror de problemas. A relação com o Rubro também começou desse modo. Uma frase ambígua, duas aquilo, três aqueloutro e lá estava ele caidinho já a pensar em namoro.

Alguns foram cortar as ondas, os mais arrojados, enquanto os indolentes descansavam na areia mole, a saborear o calor tímido da tarde e o falar suave e terno das sereias ao lado. Andava o Lula pela praia fora vestindo uns calções vermelhos às pintas verdes da Vânia, pois esquecera-se dos seus no acampamento. Ficavam-lhe a matar. Pelo menos assim pensava a gordinha de olhos azuis que o acompanhava. «Pena ser do Porto», reflectia ele puxando os calções para cima tão macios.

XXIX

– Está na hora de partir – lembrou o Louro, revirando o relógio no pulso a marcar dezanove horas.

– Fiquem mais um bocadinho! – insistiu a Vânia perante todos à volta da mesa tomando o lanche na sala de jantar da casa.

– Nós gostaríamos de ficar, mas daqui a pouco é noite e

a viagem torna-se arriscada na estrada para o Gerês. Além disso, é preciso levar o Toninho à Póvoa. Os pais esperam-no lá.

– Quanto ao Toninho, o meu tio, como vai levar as minhas amigas à Póvoa, pode levá-lo também. Não leva tio?

– Levo – respondeu o de bigode a estilhaçar um bocado de presunto com os dentes.

– Então está bem. Poupa-se tempo e gasolina.

– Como é? Vamos embora ou não? – interveio o Rubro acordando não sabia bem de que sonho.

– Calma. Parece que tens pressa – advertiu o Louro.

– Tu é que estavas com pressa. Lembra-te que temos de passar na casa da Simone para buscar o pão que ela prometeu.

– Então vamos já.

– Preparem-se para partir. Rocha, trata do carro. Agora não temos o padre da Caniçada para nos levar de volta.

– Anda cá, Rubro, preciso de falar contigo – puxou-o a Vânia.

– Que foi? Algum problema? – retrucou-lhe aparentemente desinteressado do que ela pudesse dizer.

– O que tens tu? Pareces tão distante... Andas a evitar-me?

– Que ideia! Tu é que fazes de conta que eu não existo. Sempre com aquele idiota do Porto.

– Escusas de ser tão ciumento. Ele é só meu colega. Estudamos juntos, nada mais. Convidei-o porque achei que devia.

– Seja o que for. A mim também já não me afecta. A vida é tua, faz dela o que te aprouver. Só desejo que sejas muito feliz naquilo que escolheres. Mas isto já eu to dissera na última carta.

– Pões-me triste, sabias? Hoje o dia foi tão bonito para

mim, com todos vocês a meu lado...

– Rubro, vamos embora – avisou o Louro interrompendo a conversa. – O Rocha está a praguejar dentro do carro.

– Vou despedir-me dos outros também – disse a Vânia seguindo o Louro com o Rubro atrás. – Não fiques assim, Rubro, eu escrevo-te um dia destes.

Partiram deixando o mar e alguém de quem gostavam muito. O Toninho, a Vânia, as outras amigas... Voltariam a ver-se quando fosse possível e certas nuvens se tivessem desvanecido.

A suspensão do carro chiou até Braga com seis indivíduos metidos dentro. Respirou-se mais livremente e sentiram-se menos atum enlatado após o Barbosa ter dito adeus à malta parado num passeio da cidade de Braga. Não podia ficar até ao fim do acampamento, tinha de trabalhar. Deste modo voltaram aos fatais cinco elementos que nos primeiros dias se não entenderam muito bem. Contudo, desde Braga à casa da Simone em Rio Caldo cantaram e riram a bandeiras despregadas. Até mesmo o Rubro, para quem o dia não fora aquele com que tanto sonhara: ver a Vânia de novo, poder contar-lhe do seu amor. Saíra de Apúlia decepcionado, desforrava-se na viagem e na pinga que esperava beber em casa da Simone, se fosse como estava a matutar.

XXX

Metendo-se por um caminho pedregoso, descobriram a casa a quinhentos metros da estrada principal entre curvas e montículos. Veio atendê-los uma senhora idosa, que depois souberam ser a cozinheira. Logo lhes apareceu a Simone toda pimpona com a Anabela, irmã mais nova, atrás:

– Estávamos à vossa espera. Disseram que chegavam às

nove, atrasaram-se meia hora. Isto é que é ser pontual?

– Desculpa lá, Simone. Como sabes, fomos até à praia. Viemos agora. Mas se achas que é tarde, voltamos amanhã – disse o Rubro à entrada da porta.

– Nada disso! Eu estava a brincar convosco. Entrem.

Levaram-nos para a cozinha enorme, com um forno de lenha, uma lareira em pedra, a masseira, o ti Francisco e a ti Ana cozinheira. Um casalinho que nada tinha de comum, pois ele não passava de um criado velho e solteirão e ela de uma viúva que morava ali perto e que, quando podia, ia tratar dos tachos, principalmente quando era necessário cozer o pão. As duas irmãs viviam ali nas férias com o avô, que àquela hora já ressonava. Os pais encontravam-se no estrangeiro em férias, deixando as filhas nesta aventura.

– Têm fome?

– Nem por isso. Comemos razoavelmente antes de sairmos de Apúlia.

– De qualquer forma tenho aqui maçãs assadas que a ti Ana preparou para vocês. Sentem-se, que vamos servi-los.

– Eu não digo que não – disse o Lula puxando uma cadeira.

– Cá está um homem que não se recusa a nada – comentou a Simone.

Todos se sentaram à mesa de carvalho enquanto a Anabela, com o tabuleiro do forno nas mãos, ajudava a irmã a deitar as maçãs bem cheirosas nos pratos.

– Ti Francisco, podia ir à adega buscar uma caneca de vinho?

– Sim, sim, a pomada é que é importante – considerou o Rubro debruçado sobre o pomo a fumar.

– As maçãs estão boas – comentou o Louro baboso de garfo em punho.

O velho foi e voltou com a fusa a espumar vermelho, o elixir para um bom sono. De resto, todos estavam cansados.

– Cordeiro, tu não comes? – perguntou a Anabela de sorrisinho no lábio.

– As maçãs têm um gosto esquisito.

– Esquisito? Pois eu acho-as deliciosas – acrescentou o Lula censurando o companheiro. – E eu, que nem tenho grande apetite.

– As minhas cheiram a... Olha, Anabela, importas-te de me encher o copo? Vocês estão a gozar comigo.

– Mas ó Cordeiro, que estás para aí tu a dizer? Come e cala-te – exclamaram os outros.

– Não, a mim é que não me impingem maçãs carregadas de pimenta!

– Olha o maroto deu por ela! – gargalhou a Simone divertida com a partida que lhe pregaram.

E os outros riram até se engasgarem com pedaços de maçã e o verdasco espumoso. As miúdas apanharam de azagaia o Cordeiro com maçãs cheias de pimenta. E o palerma a olhar embasbacado sem saber o que fazer, se comer, se deixar ficar.

Enquanto comiam, o ti Francisco foi dissertando sobre a vida do campo, o bom que era comer os produtos naturais da terra e não aquelas porcarias que se vendiam na cidade cheias de produtos químicos e feitas de plástico. O seu discurso era entremeado com o esvaziar de um copo que enchia da fusa de barro.

As maçãs ingeridas e emborcado o vinho, deixaram a fusa solitária sobre a mesa de carvalho e foram para a sala de visitas seguindo as duas irmãs. O ti Francisco, bêbado como um cacho, enfiou-se na enxerga de sapatos e calças, depois de a ti Ana ter ido para sua casa dormir também.

Na sala de visitas cada um instalou-se como pôde. Uns

nos sofás, outros no chão, travando aí longa conversa alimentada com uisque, vinho do porto e biscoitos franceses ao som do aparelho de música que vomitava muito baixo música dos *Century*. Fartos da conversa fiada, o Cordeiro e a Anabela saíram de mansinho e sorrateiramente entraram numa divisão onde um órgão electrónico ocupava o espaço do lado esquerdo da porta.

– Toca um bocadinho para mim – pediu o Cordeiro.

– Sei pouco. Não tenho tempo para praticar. Antes de ter, queria um. Agora que tenho este, raras vezes lhe mexo.

– Que desperdício! Posso?...

– Claro. Mas baixinho, senão o meu avô ou o ti Francisco podem acordar.

Sentaram-se os dois no banco e o Cordeiro desferiu as primeiras notas de um coral de Bach que encantaram a miúda.

– Ah! Tu tocas bem.

Por mais baixo que o volume estivesse, algumas ondas sonoras sempre se escapavam do compartimento. E isso aconteceu, indo uma ou outra alojar-se nos tímpanos do ti Francisco, que, apesar da borracheira, acordou estremunhado e a arrotar a verdasco. Lançou-se pelo corredor, abriu a porta da saleta onde os pombinhos tocavam, estrebuchou e mandou duas carvalhadas para o ar. Os outros, sobressaltados, saíram para o corredor a ver o que se passava.

– Ti Francisco, o que foi desta vez? – perguntou a Simone. – Não vê que acorda o avô?

– Vocês todos deveriam ir para os quintos dos infernos! Já não se pode dormir nesta casa em sossego? Deixai estar que o vosso pai há-de saber o que se passa. Meter drogados dentro de casa!

– O ti Francisco está a ofender os meus amigos!

– A ofender o raio que os parta! Ide-vos embora,

malandros, deixai dormir a gente honrada!

De voz rouca, abriu a porta e saiu para o exterior, descendo as escadas a trambolhar nos degraus.

– Vou regar o milho! – gritou.

– Anabela, Simone, que se passa aí? – resmungou o avô de um quarto ao fundo do corredor.

– Nada, avô. Durma, fique descansado. É o ti Francisco que está bêbado outra vez.

– Outra vez? Tenho de lhe fechar a adega. Ide-vos deitar, que já é tarde.

– O melhor é a gente ir-se embora – aconselhou o Rubro a meia voz –, para não piorar a situação.

– Quando se enfrasca é mesmo doido. Lembrou-se de ir regar o milho a estas horas da noite.

– Porque é que não o põem na rua? – perguntou o Louro.

– Já faz parte da casa. É como se fosse da família. Viveu sempre aqui, somos obrigados a aturá-lo.

Despediram-se. Era melhor não criar mais conflito com o homem, deixá-lo a regar o milho e os feijões, se quisesse. Com velhos borrachos não queriam problemas. Pegaram na broa de pão que as duas irmãs lhes ofereciam e regressaram ao Boco, marcando encontro para a tarde do dia seguinte na Barca, «um sítio maravilhoso em Rio Caldo», esclareceu a Simone ao dizer-lhes adeus.

XXXI

– O pão está azedo – constatou o Lula ao pequeno-almoço quando provava um pedaço barrado com doce de damasco.

– Deve ser do doce. Talvez esteja estragado. O calor foi muito – esclareceu o Cordeiro.

– Não me parece. Acho que o defeito está mesmo no pão. Ora prova, a ver.

– Eh, meu! Está mesmo contaminado.

– Contaminado? Contaminado por quê?

– Pelo micróbio. Ainda está em fermentação. Não foi bem cozido ou então levedou mal. A ti Ana devia ter estado a dormir quando tirou as broas do forno.

– Ei, cambada, o pão não se pode comer.

O Louro lavava meias, o Rocha punha toalhas a secar, o Rubro esforçava-se por ver a cara no pequeno e único espelho existente, analisando se a barba crescera muito durante a noite.

– Corta-me uma fatia – pediu o Louro aproximando-se da mesa onde os outros dois preparavam o pequeno-almoço.

– Já disse que não se pode comer.

– Emprasta-me a faca que corto eu.

Corta, cheira, mete à boca e, num gesto deslizante dos maxilares, toma-lhe o gosto.

– Não, parece-me que está bom. Ora passa-me a manteiga. Há quanto tempo não provava eu pão cozido em casa de lavrador!... Está ótimo.

E afastou-se a trincar a fatia em grandes dentadas.

– Talvez seja por não estarmos habituados à broa – arriscou o Lula.

– Eu cá não provo mais disso. Podeis comê-lo todo! – Escusou-se o Cordeiro rebentando uma embalagem de bolacha Maria para depois barrar com manteiga.

– Hoje e amanhã temos de gastar as batatas que ainda restam – avisou o Rubro penteando a cabeleira negra. – Não voltaremos para Braga carregados com elas.

– Dão, pelo menos, para três refeições – calculou o Rocha.

– Então quer dizer que vamos comer só batatas hoje e

amanhã? Eu protesto! Prefiro arroz – espolinhou o Louro. – Vim ao acampamento porque pensei que se comeria bem.

– E não tens comido?

– Que culpa temos nós de a tua barriga ser mais larga do que a nossa e a tua língua ter um paladar selecto?

– Estás aqui, estás a sentir a força disto! – acrescentou o Louro mostrando os punhos.

– Chiu! Não vamos recomeçar as discussões. Amanhã é o último dia que estamos aqui. Seria bom partirmos de bom humor e todos amigos – sermoneou o Rubro tirando um ponto negro da testa. – Come-se batatas e pronto. O dinheiro que deram para as despesas acabou. Quem achar que não está a comer satisfatoriamente, pague do bolso.

A tarde desse dia passaram-na na Barca com a Simone, a Catarina e a Anabela. Quem ficou contente foi o Cordeiro. A Anabela ganhou um fraquinho por ele e ali estava toda a sorrir-se como que a dizer, aqui estou, leva-me. Magrinha, um bonito cabelo em caracóis, dentes pequeninos e direitos, morena, voz branda e olhar meigo. O Cordeiro ganhou confiança logo no dia da sardinhada. Mas foi quando elas visitaram o acampamento que a intimidade cresceu. Estiveram os dois a tarde toda, afóra alguns minutos de banho, a conversar, enquanto os outros, não muito distantes, recolhiam estendidos no areal o sol jocosos e quente.

O Lula colocara-se à parte. Sentado numa pedra à beira-rio, óculos escuros, admirava maravilhado um marmanjo inglês – parecia – a manejar uma moto de água, último grito da técnica japonesa. Era mesmo fixe. Lá ia ele a fazer uma curva perfeita. Os saltinhos na água deveriam dar uma sensação porreira. Tinha de ser uma *Suzuki*.

XXXII

A despedida na Barca foi para uns custosa, para outros indiferente. Não havia nada a acrescentar, possivelmente nunca mais voltariam a ver-se. Era o inconveniente das amizades de férias. O Rocha não gostava de despedidas. Por isso não esperou para beijar a Simone, a Catarina e a Anabela: meteu-se no carro a fazer a inversão do sentido de marcha enquanto os outros as beijavam em grande alarido. Na verdade, era ele o que se ressentia mais da separação das amigas fortuitas. Claro que simpatizava com as raparigas. Mas era-lhe intolerável naquele dia aguentar um adeus face a face. O Cordeiro era diferente: gostava, mostrava-o nas despedidas cheias de promessas, com muito abraços e beijinhos doces. Os restantes eram um pouco mais discretos.

Estacionaram a *Renault* num *snack-bar* junto às pontes. Havia uma esplanada com cadeiras de plástico branco a dar para o rio. Aí se detiveram após a despedida das amigas, pedindo ao empregado quatro finos, um *Green-Sands* para o Cordeiro e cinco mistas. A fome assaltara-os na Barca e a sede era pouco mais que insuportável. Ali corria uma brisa ligeira: resquícios da chuva dos dias anteriores. Só tinham receio de apanhar algum resfriado, uma vez que levavam sob as calças os calções de banho molhados. Não houvera tempo para os secar ao sol, pois o Louro e o Rubro quiseram partir logo. Fartaram-se de estar de papo ao sol.

Estavam todos cansados das férias. Desejavam apenas regressar, dormir na sua cama, comer da sua panela. Que se lixassem os acampamentos. Eram bonitos, mas começavam a aborrecer. Até das mulheres estavam enfasiados. Não podiam de modo nenhum apresentar louros nesse aspecto.

O empregado levava-lhes mais quatro finos. As mistas estavam demasiado esturricadas. Um fino mal chegava ao fundo do esófago. Só três saciaram a sede descontrolada do Rubro. Os outros contentaram-se com dois e o Cordeiro com o *Green-Sands* (sempre tinha reacções secundárias menos catastróficas do que a cerveja).

Tocados pelas asas de Baco, arrimaram ao Boco já o sol descia preguiçoso. Umhas batatas cozidas, o repolho que o Louro comprara, uma lata de salsichas, as únicas duas cenouras existentes completariam o espaço que restava das mistas e dos finos no ventre de cada um. Comeram rapidamente, lavaram a loiça – coisa de espantar –, porque havia filme de vídeo no Mira-Rio. Pelo menos prometera-o o Miguel no último jogo de futebol.

E lá está a fita, uma longa-metragem de Spielberg de que todos ouviram falar: *Os Salteadores da Arca Perdida*. Mas o Rubro não se deixou intimidar pelo título. Saiu para a esplanada e pôs-se a ouvir um velhote a tocar cavaquinho. Juntou-se-lhe depois o Rocha que também gostava dessas coisas e até pedira ao tocador, num intervalo de rega-pra-dentro, que o deixasse manejar o instrumento. O velho cedeu-lho, mas a música não saía.

– Que tem isto, ó Rubro? Está desafinado.

– Palerma! Não vês que foi afinado noutra escala? Nem as posições são iguais às da viola.

– Então toca tu.

– Eu toco nada. Dessa afinação percebo pouco.

– Ó sr. não sei quê, ensine-me o dó e o sol – pediu o Rocha ao velhote.

– O dó e o sol? Eu não sei cá disso. O que eu sei é que é assim. Ora olha para aqui: *Ó Laurindinha, vem à janela*. Estás a ver?

– Sim, já percebi.

E esgalhou cantarolando o *Meu Amor Fala Baixinho*.

Os peregrinos da romaria a São Bento desciam em grupos de três, de cinco, de dez a estrada rente ao Mira-Rio onde os campistas do Boco faziam por se divertir. Cajado na mão, ora conversavam, ora cantavam, ora mandavam piropos às meninas do grupo, ora rezavam o terço. A principal festa em honra do fundador dos beneditinos tinha a duração de uma semana. Encerraria no domingo, com sermão e missa cantada. Por isso o reitor andava tão ocupado. Trabalhava mais naquela semana do que no resto do ano. Mal havia tempo para o repasto. Mas depois também se desferrava no restaurante do hotel à custa da confraria.

O Rocha abandonou o cavaquinho e pôs-se, sentado na esplanada, a apreciar a passagem dos peregrinos. Era noite mas sempre se patenteava uma ou outra perna boa sob as saias das moçoilas que desciam para rezar ao santo ou, o que era mais razoável, apanhar uns apalpões durante a noite no adro da ermida de São Bento. Dentro do café via-se ainda o filme, com gritinhos de algumas senhoras quando no ecrã apareciam cobras a saírem de caveiras e homens a derreter como plástico ao abrir-se a tampa da arca perdida. – O Spielberg é realmente espectacular! – dizia o Lula, entusiasmadíssimo.

O Rocha é que não se deixava entusiasmar assim tanto por uma fita de aventuras. Desvairava mais com um bom par de membros inferiores do sexo oposto. Era como comer um bife graúdo e tenro. Por detrás do balcão do café há muito tempo já que a Sandra o mirava sem dar grande atenção ao filme. Devagarinho, cautelosa, chegou-se a ele por detrás da cadeira e tapou-lhe os olhos com as duas mãos carnudas. Ele não se deixou intimidar: delicado e lânguido nos gestos,

deslizou os dedos, braço atrás da cadeira, pelas ancas rijas da moça e viu que era mulher. Deveria ser a Sandra, pelos seus cálculos. Por isso, dando inteira liberdade aos dedos, foi subindo vagarosamente até ela reagir desimpedindo, perturbada, o seu olhar:

– Sou eu!

– Ah, Sandra! Nunca imaginei. Pensava que era algum dos meus companheiros. Tu desculpa-me, não era minha intenção abusar a ponto de...

– A culpa foi minha. Não queres ver o filme?

– Já vi.

– Eu também. O meu primo trouxe-o a primeira vez há pouco mais de um ano.

– A malta está entusiasmada lá dentro. Escuta a algazarra.

– Pareces-me triste, abatido.

– Oh, não. Estava apenas para aqui a pensar.

– Em quê?

– Os peregrinos vão muito divertidos. Até dá a impressão de que, em vez de penitência e oração, caminham para um baile. Pensava em ti.

– Em mim?! E porquê?

– Amanhã partimos. Deixarei de te ver e tu a mim. Não achas que é triste?

– Mas tu podes visitar-me quando quiseres. Tens o número de telefone e, se desejares, dou-te a minha morada. Também penso ir a Braga uma vez ou outra. Nunca nos deixaremos de ver.

– Senta-te aí um pouco e faz-me companhia.

– Eu bem gostava. Até poderíamos dar um passeio pela noite. Mas, sabes, tenho de voltar ao balcão para servir os clientes. E hoje, que está a casa cheia!

- Que pena!
 - Vou entrar. Talvez seja preciso lavar copos. Alguns fregueses bebem como elefantes. Gostei muito de te ouvir dizer que estavas a pensar em mim. Amanhã de manhã vai à missa. Eu lá estarei e poderemos conversar no fim.
 - Farei o possível. Se não me vires, é porque não fui.
 - Que espertinho!
 - Entra, entra, rapariga. O Rubro já deve estar com o copo vazio.
 - Não me chames rapariga que eu não gosto.
 - Está bem, pombinha, vai lá.
 - Assim é melhor. Mais bonito.
- E entrou deixando o Rocha ao ar da noite.

XXXIII

Ninguém estava disposto a ir à missa naquela manhã. Apanharam a carraspana, queriam ficar a curá-la estendidos no chão duro das tendas. Tinham ido para o acampamento com cinco finos cada um, fora o Rubro, que levou sete, e quando chegaram ainda abriram a garrafa do porto. Sobraram ainda duas botelhas de tinto, restos da oferta do padre da Caniçada. Dragá-las-iam ao almoço antes da partida.

Nessa noite o Rocha não bebeu leite. Quis, para não contrariar, beber o mesmo que os outros. Era a última noite que passavam juntos, haveria que ser solidário. No entanto, foi ele o único a levantar-se. Embora o corpo recusasse, tinha um forte motivo para o fazer: a Sandra, que esperava por ele na igreja à hora da missa.

Aproximou-se em troco nu da margem do rio, toalha ao ombro e estojo de higiene na mão. Olhou o céu azul, a verdura dos montes à volta, o espelho do rio e respirou fundo depois

de se espreguiçar com alguma lentidão. Entre arrepios, molhou-se, ensaboou-se e meteu-se na água, dando duas braçadas silenciosas para se libertar do sabão. Metodicamente enxugou-se começando pela cabeça, passando pelo pescoço e pelos braços, o tronco e finalmente os pés. Desencantou uma lâmina, espalhou o creme na cara e, diante do espelho de bolso pendurado num arbusto, rapou os pêlos da barba numa mímica facial de assustar meninos. Perfumou-se e voltou às tendas para se vestir, vendo-se obrigado a passar por cima dos outros para encontrar as calças e um par de meias mais ou menos decentes.

Subiu até ao local onde costumava deixar o carro e arrancou em direcção à igreja. O adro estava cheio de gente que esperava a chegada do padre Armindo e o sinal do sino para entrar. O Rocha estacionou junto ao cemitério, à frente de um Mercedes de matrícula francesa e, ao deitar um pé de fora, viu a Sandra que se aproximava.

– Bom dia. – saudou ela muito sorridente. – Então sempre vieste.

– Eu sou um homem de palavra.

– E devoto também.

– Isso é que já é outra história. Mas tu estás muito bonita!

– Achas?

– Pois acho. Uma boa católica é aquela que se veste bem para Deus.

– Ah! Mas eu não me arranjei para Deus.

– Então para quem foi?

O sino começou a tocar para a missa e estava na hora de entrar.

– Sabes – disse ela –, não me apetece nada ir à missa. O padre Armindo é muito aborrecido na homilia.

– Se quiseres podemos ficar aqui fora a conversar.

– Vamos dar um passeio por aí.

Ao lado do cemitério, descia um caminho de terra em direcção ao rio. O Rocha encaminhou-se para aí e a Sandra acompanhou-o. Ele não levou muito a sério ela ter-lhe metido a mão no braço e o percurso foi ocupado com pequenos ditos inócuos. Em cinco minutos chegaram à margem e sentaram-se num tufo de erva que crescia entre os carvalhos e a água. Foi então que ele lhe pegou na mão, a puxou para si e a beijou.

O beijo não foi grande coisa. A rapariga, ou não sabia beijar, ou nunca tinha beijado nenhum rapaz. Apertava os lábios com força num chilreio pouco natural. O Rocha largou-a e pôs-se a olhar o rio com o sol a dar-lhe de oriente em tons de prata. Ela ficou um pouco defraudada e perguntou:

– Por que me beijaste?

– Não sei. Talvez goste de ti.

– Não sabes se gostas de mim?

– E tu, gostas de mim?

Então ela deitou-lhe as mãos à cara, puxou-o para si e beijou-o longa e profundamente. O Rocha nem queria acreditar que a moça pudesse aprender tão rapidamente a arte da sedução.

E ali estiveram todo o tempo que durou a missa.

Os outros tiveram um despertar pouco vulgar.

– Canalha nestes sítios? – questionou o Rubro ao ouvir berros de crianças.

Novos vizinhos, era o que era. De certeza que tinha sido obra do padre Armindo, o responsável da zona. Desde que houvesse mulheres boas – pensava o Cordeiro – valeria a pena ter vizinhos, nem que fosse só por uma manhã. Que revés terem de deixar o Boco naquele dia!

Os potenciais novos vizinhos tinham ido sondar o local.

O marido e a esposa, um miúdo e uma garota, um par de namorados, constituíam o grupo que descia pelo matagal a cinquenta metros das tendas. Ignoraram a presença dos outros campistas, deitaram uma olhada desconfiados às redondezas e voltaram para trás.

– Tipos esquisitos. Será que vão acampar também? – perguntou o Lula.

– Talvez. Está com eles uma gaja boa, mas parece que já está servida – respondeu o Cordeiro.

– Que grande desconsolo!

O Rubro interrompeu-os dizendo:

– Há muito que fazer. Desmontar as tendas, enterrar o lixo, enfardar as trouxas e preparar o almoço. Como um só não pode fazer tudo, será melhor dividir o trabalho.

– Eu desmonto as tendas – ofereceu-se o Lula. – Fui eu que as montei...

– É mentira! Tu nem sequer sabias onde encaixar os ferros e como esticar as espias – contestou o Cordeiro.

– Estás para aí a peidar e nem por isso montaste a tenda que trouxeste de casa. Foi preciso ser eu a fazê-lo. olha o espertalhão. Vocês limitaram-se a ajudar.

– Acabai lá com o chinfrim. O Lula desmonta as tendas e eu ajudo-o – interveio o Rubro.

– Eu queimo o lixo – prestou-se o Cordeiro pouco conformado.

– Então cozinha o Louro – disse o Rubro.

– E quem lava a loiça que ficou de ontem à noite?

Silêncio sepulcral.

– Talvez o Rocha, quando chegar da missa – lembrou o Lula.

– Sim, o Rocha. Afinal também tem de fazer alguma coisa. Ir à missa não é serviço – aquiesceu o Louro.

– Pois então mãos ao trabalho. Lembrem-se de que sairemos daqui após o almoço. O nosso serviço, além de arrumar os trastes, é também carregá-los para cima.

– Porcaria de seca! A descer bem se trouxeram. Para subir com tudo vai ser o caneco.

– Depois pensamos no problema. Agora toca a mexer. Se acabarmos cedo, ainda damos um mergulho.

O labor começou e cada um fazia o que lhe estava destinado na maior das algazarras. Só o Louro descascava as batatas embeijado. Considerava-se o mártir daquele acampamento. Ao menos isso, já que não pôde sobressair noutros quesitos.

Andavam eles em tais jornadas quando viram descer novamente pelo carreiro os forasteiros que os acordaram. Acompanhava-os o padre Armindo. Terminada a missa, foi indicar aos novos vizinhos o local que poderiam utilizar para montar as tendas. Feito isso, o padre Armindo despediu-se dos forasteiros e juntou-se à rapaziada. Aí soube que partiriam na tarde daquele dia e compreendeu a dificuldade de terem de carregar as tralhas até ao caminho plano. Resolveu poupar-lhes o esforço oferecendo-se para descer de jipe a carregar tudo. Felicíssimos por tão agradável prova de estima, marcaram para as catorze o carregamento.

– Cá estarei – confirmou o padre desaparecendo entre as árvores.

Pouco depois chegava o Rocha de ar ausente, aceitando lavar a loiça sem qualquer protesto, coisa que muito fez espantar os companheiros.

XXXIV

– O Rubro e o Rocha demoram – comentava o Cordeiro impaciente.

– Devem estar à trela com o padre da Caniçada.

– Assim nem à noite saímos daqui – rematou o Lula sentado em cima das tendas enfardadas.

O jipe, às catorze horas, embrenhara-se no Boco e transportou para cima todo o material de campismo, depositando-o com os três rapazes no campo de futebol. E o Rubro e o Rocha? Tinham ido na *Renault* despedir-se do padre da Caniçada à casa paroquial, remetendo-lhe também as garrafas vazias, oferta oportuníssima quando cheias para o bom relacionamento e harmonia comunitários. Mas demoravam e essa demora importunava os restantes, pois a ânsia de partir era imensa. Que poderiam fazer?

Estacionada a carrinha, retiraram a caixa das garrafas vazias, tocaram à campainha e o padre mandou-os subir. Conversa daqui, conversa dali, eram quinze e pico quando abalaram refugados com um uisque. Foram ter ao campo de futebol dissipando o desespero dos outros três e despediram-se do padre Armindo agradecendo os serviços prestados, quer no arranjo do local para acampar, quer no transporte das trouxas. Que não era nada, disse o padre, que podiam contar sempre com ele. Para o ano, se quisessem, poderiam voltar. Seriam bem vindos.

As despedidas mais aborrecidas eram no café. Havia o Miguel, o pai, a mãe, a Sandra e possíveis individualidades da aldeia a digerir o almoço melhorado do domingo alapados às mesas em conversas triviais. Muitos cumprimentos, obrigado

por tudo, benza-os Deus, etc. e tal, e partiram quatro para as Cerdeirinhas na *Renault*: o Lula, o Cordeiro, o Rubro e o condutor. Ficou o Louro em terra. Como não cabiam todos no carro com as trouxas, combinaram a viagem deste modo: o Rocha levava os três às Cerdeirinhas e estes iam andando a pé na estrada para Braga. Entretanto o carro voltava à Caniçada, carregava com o material e o Louro e partia para a cidade. Aí descarregaria e voltava, a procurar os outros e apanhando-os onde estivessem.

O Rocha largou então os três nas Cerdeirinhas, regressando à Caniçada. Coadjuvado pelo Louro, carregou a viatura, abandonou o campo de futebol e estacionou no Mira-Rio. Ainda nenhum dos dois se havia despedido da Sandra, que dormitava atrás do balcão quando entraram.

– Sandra – chamou o Rocha –, viemos dizer-te adeus.

– Ah?

– Estavas a dormir? – acrescentou o Louro.

– Não, estava a pensar. Vocês vão, eu fico... Foi bom ter-vos conhecido. Considero-vos os rapazes mais engraçados e mais porreiros que até hoje conheci.

– Não vais ter saudades, ou vais? – ironizou o Louro.

– Ficamos sempre com saudades dos momentos bem passados. E vocês vieram alegrar esta chateira, trazer um pouco mais de animação.

– Mas, ó Sandra, todos os dias passam por aqui tantos turistas...

– Turistas! Ninguém os entende. Que me interessa entrar por aqui dentro dois alemães muito giros se eu não lhes sei falar? Vocês são turistas raros. Há poucos turistas por esta zona a falar português.

– E aqueles que hoje chegaram ao Boco? Podes travar novos conhecimentos.

– Sim, mas eu com mulheres não me entendo. Os homens que há são comprometidos... Porque é que vocês não ficam mais uns dias?

– Eu, por mim, ficava – disse o Rocha. – Só que o Rubro e o Louro não poderiam continuar cá. Têm trabalho em Braga.

– Pois temos, Sandra – confirmou o Louro já farto da despedida. Simpatizava com a miúda, mais não era para estar ali uma eternidade. Havia que despachar, pensar um bocado nos outros que iam a pé em direcção a Braga com aquele calor.

– Ide, então – ordenou ela de voz arrastadamente melancólica.

– Não fiques assim. Havemos de nos ver qualquer dia – acarinhou o Rocha.

– Prometem escrever-me?

– Pois claro que prometemos – exclamou o Louro, que já tinha decidido não pensar mais nela.

– Fico à espera.

Saíram do café com a Sandra a acompanhá-los. O Louro entrou para a carrinha e o Rocha ainda ficou uns momentos ao pé da rapariga, sem saber bem o que dizer.

– Prometes que me vens visitar? – perguntou ela.

– Logo que possa, passarei por cá para te dar um beijo.

– Só um beijo?

– Vá, todos os que tu quiseres.

Abraçou-a, deu-lhe um beijo na testa e dirigiu-se para o carro. O Louro olhou-o espantado, mas não disse nada.

O carro arrancou e desapareceu na curva acima do café. Lá ficou a Sandra a dizer adeus, reconfortada por aquele abraço. Do beijo é que não gostou tanto. Agora cairia na costumada letargia da Caniçada em tempo de férias. «Ah! Se as aulas comessem amanhã!...» Ao menos haveria alguém com quem conversar. Ali, só se fosse com as moscas, com os tios ou com os patuscos fregueses que iam matar a sede ao fim da tarde.

XXXV

O Louro despiu a camisa. O calor no interior do carro era de esturricar. Havia música a sair da radiola como refresco apetecido. O Rocha, ora virando à esquerda, ora à direita consoante as curvas, cantarolava distraído os *rockes* que o locutor ia apresentando. Na parvalhice daquele andamento chegariam à cidade por volta das dezassete horas. Sobejava tempo ainda para inverter a marcha e apanhar os outros que, a dois quilómetros atrás, caminhavam ensonados e sedentos sob a aridez da paisagem e da tarde.

- Que diabo, podias ter avisado – exclamou o Louro.
- Avisado de quê?
- Que andavas a comer a prima do Miguel.
- Que disparate! Não houve nada entre nós.
- Estás a querer fazer de mim cego?
- Nada, nada. Somos apenas amigos.
- E foi preciso abraçá-la?
- Ora, a moça estava tão triste...
- Pois, pois. Estava triste e tu, claro, quiseste reconfortá-la.

Entraram em Braga e o Louro vestiu a camisa. Não queria dar escândalo no meio da Avenida, mesmo dentro da *Renault*. Foram então descarregar o material ao Colégio de São Caetano, instituição onde o Louro trabalhava e se hospedava em tempo de aulas. Os apetrechos de cozinha e uma tenda emprestaramos os superiores da casa. Lá ficou o Louro a transportar tudo para a portaria do colégio, enquanto o Rocha, ganhando fôlego, se atirava de novo à estrada para apanhar os três desgraçados.

Desgraçados? Aqueles três que, coitadinhos, se meteram ao caminho numa tarde escaldante de Agosto? Era o que faltava. Foi encontrá-los confortavelmente sentados na

esplanada de um café à face da estrada onde, segundo criam, passaria a carrinha para os apanhar. Se tinham transporte garantido, iriam eles esforçar-se com aquele calorão? Nada como uma cervejinha gelada à sombra de um sobreiro. O Rocha vem? Deixá-lo vir. Far-lhe-iam sinal quando o avistassem na estrada.

E assim aconteceu. Só que o Rocha fingiu não os ver e seguiu em frente. Os rapazes desesperaram: aflitos com a desatenção do condutor, desataram a correr estrada fora estacando de boca aberta no meio da faixa de rodagem.

– Merda! Eu bem vos disse para não irmos ao café – disse o Lula.

– Tem calma. Ele, não nos vendo, volta para trás.

E o Rocha, apanhando o sítio a jeito, inverteu o sentido de marcha e rodou pacato até à esplanada do café.

– Então, meus figurões? Em vez de irem andando sentam-se a ver quem passa?

– Fartámo-nos de andar.

– Fartaram-se de andar dois quilómetros? São muito fracos de pernas, não haja dúvida. Tenho muita pena de vocês.

– Já pensávamos que não nos tivesses visto.

– Por acaso vi. Mas foi pena. Porque doutro modo iriam para Braga a pé que era um consolo. Entrem, ou querem que os traga ao colo?

E seguiram na maior das algazarras até à cidade.

Que mais aconteceu naquele dia? Arrumaram convenientemente o material, jantaram e, para colmatar dia tão excitante, foram ao cinema ver um filme pornográfico. Nada como o orgasmo sentido de fora para coroar esta aventura. A Sandra é que não gostaria nada, se soubesse.

EPÍLOGO

A aventura no Boco terminou. Ficaram recordações e o convívio mais ou menos positivo. Aqueles dias repercutiram-se para além das férias, nos dias normais, naqueles momentos em que os sete companheiros se reviam. A comunidade que nunca conseguiram ser no Seminário, conseguiram-na cá fora, no mundo, apesar de todos os limites e das diferenças de cada um. Era realmente uma comunidade de indivíduos que se estimavam, que gostavam de estar juntos, de partilhar a tristeza e a boa disposição.

Aconteceu então que os sete voltaram à vida de todos os dias, com os sobressaltos normais da idade. E as restantes personagens desta crónica? Aquelas que foram mais ou menos acidentes onde o grupo tropeçara, pretexto para, cenário humano indispensável a uma história bem encadeada?

O romance da Maria João e do Carlitos acabou com a primeira a casar com o Almerindo numa grande boda celebrada pelo reitor de São Bento. O Carlitos, muito aborrecido com isso, dedicava os seus tempos livres a uma morena divorciada que fazia desfiles de moda e era proprietária de uma loja de *lingerie* no centro da cidade.

Um romance que ocupou algumas páginas desta crónica foi o do Rocha com a Nancy, a menina alta e doce. O Rocha soube, depois das férias e por intermédio da Guidinha, que a Nancy tinha abortado e que os pais adoptivos a meteram num colégio de regime muito rigoroso donde saíria apenas quando completasse dezoito anos. Mesmo sabendo disto, ele decidiu ir visitá-la, mas a freira da portaria disse-lhe que não podia ser: que voltasse daí a três anos. E ele nunca mais voltou.

A paixão do Rubro pela Vânia, a menina que estudava no Porto para enfermeira, foi-se dissolvendo até à indiferença. Acrescenta-se apenas que se viram mais uma vez, como amigos, e que ela se deixou levar por um fulano da Madeira, ficando pouco depois descomprometida por se ter zangado com ele. «É aluada, não sabe o que quer», ouviam o Rubro a comentar, engolindo em seco.

As meninas de Rio Caldo, Simone, Catarina e Anabela, tão queridas dos campistas do Boco, depressa foram esquecidas. Eram das tais porreirinhas para dois dias de conversa. Depois já não interessavam. Foi, no entanto, ponto assente, que entre a Anabela e o Cordeiro houve mais qualquer coisa. Mas a rapariga nem se dignara escrever quando ele esteve quinze dias de cama com pneumonia. A ele também não lhe interessava por aí além. Tinha uma mais bonita na terra.

E para acabar em flores, seria forçoso falar da Sandra, a servente do café Mira-Rio. Começou a trocar correspondência com o Rocha e foi a Braga umas tantas vezes para o ver. Como ele não estava interessado em namoro seguro, achou-se na obrigação de lhe dizer que já tinha namorada, o que parece que não era verdade. A rapariga, porém, não desertou e continuou a escrever-lhe. Transcreve-se um extracto de uma dessas cartas que vem muito a propósito para rematar o epílogo:

Querido Alberto:

Vou dizer-te o que achei de vocês. Todos foram estupendos, mas principalmente tu, que foi com quem mais simpatizei. Quando vos vi pela primeira vez, olhei para vocês como olho para qualquer outra pessoa. Nunca pensei que por detrás daquelas carinhas existisse tanta simpatia e meninos

com um espírito tão animado. Quando o meu primo Miguel me disse quem eram, eu fiquei com uma vontade enorme de vos conhecer melhor.

Naquele dia em que eu fui ver o futebol e tu eras o único que não estava a jogar, apeteceu-me ir ter contigo para conversar. Passados aqueles primeiros momentos, eu fiquei com a ideia na cabeça de que poderias ser um verdadeiro amigo e que merecias toda a minha confiança. Só não gostei que me tratasses como uma criancinha. Em certas coisas ainda sou mais adulta do que tu...

Durante aqueles dias, eu tomei conhecimento com os outros e também os achei simpáticos. O Cordeiro era um bocado parvo, exagerado nas ideias e não era tão aberto para com as pessoas. O Lula, esse era o máximo: simpático e brincalhão. O Louro foi o segundo de quem eu mais gostei. Achei-o muito calmo e calado. O Rubro parece que andava um bocado triste. Eu tentei saber porquê, mas ele não me quis dizer. Deve ser coisa de amores. O Toninho e o Barbosa é que não conheci lá muito bem, pois mal chegaram foram-se logo embora. Mas pareceram-me afáveis.

Passaram-se assim quase oito dias e então, quando chegou o dia de vocês partirem, foi tão triste... Mesmo triste. E tu foste embora e esqueceste-te totalmente de mim. Só te recordaste quando eu escrevi uma carta muito zangada.

Foi tão bom estar com vocês!... Podes acreditar. Só é pena ter durado tão pouco. Cada vez que me lembro daqueles momentos, tenho vontade de chorar.

Braga – Horta, 1987-1988